

ÍNDICE

Editorial	6
O Rito Adonhiramita Visão Histórica	8
Brasão do Rito Adonhiramita STEKENNA	8
I – Considerações Iniciais	9
II – Publicações Antimaçônicas	10
III – Adonhiram – A Lendária Figura	14
IV – O Rito Adonhiramita	16
IV – 1 O Nascimento	16
IV – 2 Características do Rito	20
IV – 3 – Os Primórdios do Rito	24
IV – 4 – Outras Características.....	26
IV – 5 – O Rito Adonhiramita no Brasil	28
IV – 6 – O Rito Adonhiramita na Atualidade	34
V – Outras Considerações	38
VI – Curiosidade Histórica	38
Publicações Antimaçônicas	39
Algumas Datas Importantes da Historia da Maçonaria	41
Algumas Datas Importantes da Historia da Maçonaria BRASILEIRA.....	43
Complementos.....	47
Nome Histórico	47
Alguns Acréscimos Ritualísticos ao Rito	48
O Pálio	50
Cerimonial da Incensação e do Fogo	51
O Discutível 13º Grau	53
Nasce o 13º Grau Adonhiramita no Brasil	56
A sua Pseuda Globalização	58

O Fundador do Rito	60
São João de Jerusalém o Patrono da Maçonaria Adonhiramita?.....	64
A Livre Maçonaria Adonhiramita.....	70

EDITORIAL

Amados Irmãos Adonhiramitas

O Rito Adonhiramita criado no seio da Maçonaria francesa na segunda metade do século XVIII, embora tenha sido, no início, muito praticado pelos maçons franceses e portugueses, nunca chegou a ser um rito dominante. Exportado para as colônias de ambos os países, em nenhuma floresceu, desaparecendo com as Lojas adotantes, sempre efêmeras e, não raro, criadas para atender algum interesse temporário.

Também veio para o Brasil quando este era colônia, mas só se fixou efetivamente, para não mais sair, já quando era Vice Reino – em 1815. Também nunca foi um rito dominante, sempre minoritário e em algumas ocasiões, em vias de extinção, tendo ficado extinto num lapso de tempo.

Por essa importância secundária sua história sempre foi tratada superficialmente, sem os devidos cuidados às pesquisas, sempre repetindo o que os primeiros historiadores escreveram sem preocupação de verificação quanto à veracidade documental, do encaixe das datas, etc. Eram poucos que se interessavam por sua história e quem assim o fazia era para preencher sua “cultura maçônica”. As inverdades históricas do Rito Adonhiramita nunca foram contestadas, colocadas à prova ou pesquisadas. O que constava era suficiente e satisfatório. O público – o maçom e, em especial o maçom adonhiramita - não era exigente e tudo era aceito como verdade.

A partir das duas últimas décadas do século XX, ainda que só existente no Brasil, este rito passou a experimentar um crescimento vertiginoso de Lojas praticantes e se expandindo geograficamente nos mais diversos orientes, com a adoção por obediências, principalmente os Grandes Orientes Estaduais, os ditos “Independentes” que anteriormente o ignoravam.

Assim, em decorrência desse crescimento, a quantidade de irmãos adonhiramitas (amados irmãos) também aumentou, trazendo, por um lado, uma maior exigência de uma história documental, mais real e, por outro lado, o surgimento de outros irmãos a se dedicarem à pesquisa de seu rito. Com isso, mudou substancialmente a visão histórica do rito, a começar por seu autor, passando pela data de sua criação ou formação, seus motivos e influências sofridas.

Mas, apesar de tudo, nos dias de hoje ainda existem irmãos desinformados ou “conservadoristas” que se baseando nos “ensinamentos” antigos ressuscitam as ultrapassadas verdades ou procuram justificar mitos já desmistificados

Para evitar que o Barão de Tchoudy continue, vez por outra, sendo o autor ou co-autor do rito, ou que o rito foi criado com 13 graus e outros tantos dogmas derrubados, que o Sublime Grande Capítulo Adonhiramita do Brasil, reconhecido pela COMAB como oficina guardiã do rito, lança e adota esta versão e outras considerações sobre o rito como verdadeiras.

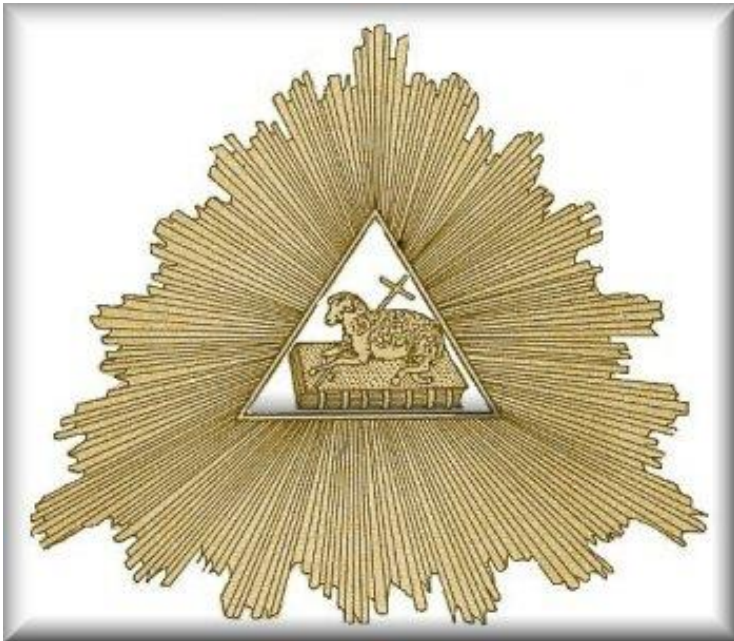
A história é estática, feita de fatos que depois de ocorridos são imutáveis. Dinâmica é a compreensão e o ensinamento retirado do fato histórico, pois muda com a cultura do povo e com o comportamento social.

Até que surjam fatos novos comprovados, se é que possam surgir, a dar novo entendimento histórico, a presente obra será aceita como a verdadeira História do Rito Adonhiramita no âmbito do Sublime Grande Capítulo Adonhiramita do Brasil e no âmbito de sua abrangência.

O PATRIARCA

O RITO ADONHIRAMITA **VISÃO HISTÓRICA**

BRASÃO DO RITO ADONHIRAMITA **STEKENNA**



O Brasão do Rito Adonhiramita é composto de um resplendor dourado representativo do sol no zênite; no centro deste resplendor, a figura de um cordeiro repousado sobre um livro fechado e selado com sete selos.

*“FELIZ DAQUELE QUE
TRANSFERE O QUE
SABE E APRENDE O
QUE ENSINA”*

CORA CORALINA

I – CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O QUE VEM A SER UM RITO MAÇÔNICO?

Não podemos falar em Rito Adonhiramita ou qualquer outro rito praticado na Maçonaria sem antes entendermos o que vem a ser um “Rito”.

O termo rito (do latim *ritu*) tem vários sentidos. Rito é um pouco diferente de ritual, dando continuidade ao mito. No sentido mais geral, é uma sucessão de palavras e atos que, repetida, compõe uma cerimônia (religiosa ou civil). Apesar de seguir um padrão, o rito não é mecanizado, pois pode atualizar um mito, mantendo ensinamentos ancestrais e sagrados. Em Maçonaria significa uma cerimônia, ou um conjunto delas, que caracteriza o método de conferir a Luz Maçônica bem como o aperfeiçoamento moral através de uma coleção ou distribuição sucessiva de graus.

É, em outras palavras, o método observado no desenvolvimento de um ordenamento maçônico.

As legislações da maioria das obediências simbólicas, em especial dos Grandes Orientes, permitem às suas Lojas adotarem, como seu sistema de trabalho, qualquer rito que lhes convenham, desde que reconhecido e que, independente da quantidade de graus que possui, não possa aspirar supremacia sobre um outro.

A Maçonaria, em sua amplitude, ostenta vários ritos que são reconhecidos e tidos como regulares, e outros tantos que não os são – tidos como irregulares. Também o fato de uma obediência maçônica não adotar um ou outro rito, não o torna

irregular. A regularidade de um rito é questão de observância de quesitos pré-escritos. O conjunto de fórmulas e normas próprias de cada rito está descrita num ritual e é nele que vão se encontrar e mesclar as duas linhas básicas da cultura maçônica: o Simbolismo e a Liturgia. É através deste conjunto que se dinamizam e amalgamam os preceitos fundamentais de que a cultura maçônica é totalmente simbólica e que seu desdobramento se dá sobre uma linha formal, cerimoniosa e disciplinada.

Paralelamente a essa linha pré-estabelecida, inflexível durante o desenvolvimento de um rito – que caracteriza sua apresentação litúrgica e simbólica - oportuniza-se, em momentos adequados, a livre manifestação, pessoal e personalista do maçom. São momentos não escritos onde se franqueia a livre expressão e opinião. Pode-se caracterizar essa parte, como a “humanização” do rito que com ela completa a tríade maçônica de um rito:

- a simbologia,
- a liturgia
- a humanização.

O ritual, na Maçonaria Contemporânea, tem se mostrado de uma importância tão relevante e fundamental que se pode afirmar que sem ele a Instituição Maçônica teria sucumbido à evolução dos tempos.

II – PUBLICAÇÕES ANTI-MAÇÔNICAS

Com o surgimento da Maçonaria Especulativa, sua expansão geográfica saindo das Ilhas Britânicas e alastrando-se por toda a Europa, seu crescimento quantitativo atraindo cada vez mais integrantes e com grande aceitação entre a nobreza, a elite cultural e plebeus endinheirados, obviamente também criou seus inimigos, seus opositores, seus detratores.

Enquanto na Inglaterra a Maçonaria e a religião dominante, a Anglicana, conviviam pacificamente, na França o cenário entre a Maçonaria e a religião dominante, o Catolicismo, era o oposto. Seus templos, abrigando idéias liberais, estimulando

a total liberdade na investigação da verdade, combatendo os dogmas e entendimentos impostos, reunindo pessoas de várias correntes religiosas e mantendo absoluto segredo de suas reuniões passaram a dar forma a uma instituição que conflitava com interesses de outras e encontrou naquela que acalentou em sua fase anterior, quem lhe deu sustentação e proteção – a Igreja Católica - seu mais poderoso e pertinaz inimigo. Bulas Papais foram editadas, sistematicamente, combatendo toda a sorte de sociedade secreta, incluindo a Maçonaria, e seus adeptos levados à excomunhão.

A influência da classe sacerdotal, se fazia sentir junto ao povo, governo e nobres dependentes da Igreja. Passou a ser meritório os ataques à Maçonaria, levando a surgir uma “indústria” de publicações anti-maçônicas, também conhecidas como “exposures”, ou seja: “exposição”. Escrever contra a Maçonaria, expondo seus segredos, tornando público seus rituais, suas cerimônias, ligando-a a seitas demoníacas, apresentando-a anti-cristã, dava, ao seu autor, prestígio perante a Igreja, sendo, muitas vezes, elogiado até pelo Papa. Sem contar que as publicações, além do estímulo, na maioria das vezes, tinham o patrocínio da Igreja e rendiam lucros ao autor, pela vendagem estimulada pelos religiosos.

A Maçonaria, em todos os tempos, sempre despertou a curiosidade profana, e quem, podendo, não gostaria de conhecer os seus segredos, penetrar em seus bastidores, caminhar por seus meandros filosóficos? Pois era o que prometiam essas publicações anti-maçônicas.

E assim com esse espírito sensacionalista, encorajadas e financiadas pela Igreja, servindo de escape para mesquinhez moral ou retaliação institucional, foram surgindo tais publicações, até que, em 1743, surge uma que para o presente caso tem relevância especial, Luis Travenol, usando o pseudônimo de Leonardo Gabaon¹ publica LE CATECHISME DES FRANCS

¹ Tal pseudônimo foi cuidadosamente escolhido. LEONARDO na ocasião era um nome que estava em evidência, significando um Mestre, o perfeito artista, o detentor do conhecimento e GABAON, um nome hebraico com alta

MAÇONS, nome que por si só já evidencia o seu direcionamento e a intenção de seu autor. Nela são revelados, minuciosamente, os rituais dos três graus em uso na época, seus catecismos e outros ensinamentos. Contem muitas invencionices, muitas informações corretas e outras tantas incorretas ou desprovida de cabimento. Apresenta, como novidade, a intitulação do personagem da lenda do terceiro grau, denominando-o de ADONHIRAM, ao invés do até então e só conhecido nome de HIRAM ou HIRAM ABIF ou ABIB. Seriam essas figuras as mesmas pessoas? Ou quis se referir a um outro personagem bíblico.

Seria o ADONHIRAM, hebreu, administrador e coletor de impostos e funcionário real? Ou ao então HIRAM, o fenício, funcionário do rei de Tiro, o artista e fundidor de metais?

No ano seguinte, em 1744, o abade Perau lança uma publicação anti-maçônica intitulada de “LES SECRETS DES FRANCS MAÇONS”, que até então era confundida com a obra de Travenol lançada no ano anterior. Se dizia que a obra se intitulava de “Le Catechisme dês Francs Maçons” ou “Lês Secrets dês Francs Maçons”. Hoje sabemos que são obras diferentes, de autores diferentes e que um nome não tem relação com o outro, já que esta última teve como propósito a divulgação de uma coleção de canções maçônicas, tão em voga na época e cantadas durante as reuniões: Canções dos Aprendizes, Canções dos Companheiros, Canções dos Mestres e até uma Canção dos Vigilantes, além de algumas poesias também maçônicas. Adonhiram fica fora dessa.

Ainda, em 1744, Travenol lança outra obra que consolida o personagem ADONHIRAM, já denominado em sua obra, no ano anterior. Trata-se, agora, da obra “ABRÉGE DE L’HISTOIRE D’ADONHIRAM ARCHITECTE DU TEMPLE DE SALOMON”. Ai, fica solidificada, de vez, a nova denominação e um novo personagem.

A confusão estava lançada com esse novo personagem

significação maçônica, designando um dos Mestres da lenda, e designando “o sagrado”

entrando e se consolidando em cena. Se para o leigo, o profano, o mero leitor curioso, essa troca de personagem ou do simples nome não fazia diferença alguma, para os estudiosos, os maçonólogos de plantão, para os ritualistas, foi motivo de muita discussão e dos mais diversos entendimentos e desentendimentos.

Em 1747 “LE CATECHISME DES FRANCS MAÇONS” foi reeditado como a reavivar o combate, para ridicularizar e profanar a Maçonaria. Reascende a figura de ADONHIRAM.

Em 1780, portanto um ano antes de ser criado o Rito Adonhiramita, é lançada no mercado uma outra obra anti-maçônica, não passando de um verdadeiro plágio da obra de Travenol ou Gabaon, colocando mais uma vez em evidência, o nome de ADONHIRAM.

Seria de se questionar, as importâncias das publicações anti-maçônicas para os maçons, já que era de se esperar que seriam desconsideradas. Sua destinação era ao “profano”, desvendando os segredos e mistérios da Maçonaria, atingindo-a no que mais intrigava os “profanos” – seu sigilo. O que parece difícil admitir e entender, foi o que trouxeram de positivo e no que ajudaram à Instituição. As publicações maçônicas da época, eram exclusivas ao “público interno”, concisas, técnicas, com muitas abreviaturas e omissões de palavras. Eram feitas para maçons e complementavam às “passadas de ouvido a ouvido” e, não raro, destruídas após assimiladas.

Já as publicações anti-maçônicas eram abrangentes, explicativas, pormenorizadas e com ampla abordagem sobre os assuntos tratados. Assim, serviam inacreditavelmente, como, consulta, referências, informações aos maçons, evidentemente naquilo que eram corretas, já que continham, junto com as verdades, muitas invencionices, ficção, deturpação e parcialidade.

Foram evidentemente essas publicações, a fonte de inspiração para a origem e causa do surgimento do Rito Adonhiramita, pela escolha do personagem ADONHIRAM,

conforme declaração do próprio autor².

III – ADONHIRAM – A LENDÁRIA FIGURA

Não podemos falar do Rito Adonhiramita sem antes falarmos um pouco sobre ADONHIRAM – a figura da lenda do terceiro grau, pois sem dúvida alguma, tal rito está ligado a esse personagem e que inclusive lhe empresta o nome. É ele que caracteriza o rito, que o difere dos demais, que o torna polêmico.

A Septuagésima, a mais velha tradução das escrituras hebraicas – elaborada por setenta tradutores e intérpretes, também conhecida como a Bíblia dos Setenta, onde os dois livros de Samuel foram chamados de Reis I e Reis II, sempre diferenciou as duas figuras. Josephus e demais escritores de seu tempo distinguiram ADONHIRAM de HIRAM, o primeiro um hebreu e administrador e o segundo um fenício e artífice.

Mesmo com tais diferenciações, as dúvidas levantadas pelas publicações anti-maçônicas e os diversos entendimentos dos ritualistas da época, fizeram que surgissem na segunda metade do séc XVIII, três Escolas de Pensamento Maçônico, com enfoques distintos quanto à identidade do construtor do Templo, segundo o maçónólogo e enciclopedista Mackey, conforme a seguir:

1ª- A primeira era composta daqueles que supunham ser HIRAM, o filho da viúva da tribo de Neftali, a quem o rei de Tyro mandou a Salomão e a quem designaram de HIRAM ABIF. Esta foi a original e mais popular Escola, sido denominada de “Ortodoxa”.

² Recueil Précieux de la Maçonnerie Adonhiramite: “Quanto mais examino essas falsas instruções, mais fico aborrecido, para o bem da Ordem, com o sucesso que tiveram.”

Ao tempo em que organiza o Catecismo dos Mestres, onde temos uma das perguntas:

P – Como fostes recebido ?

R – “.....sobre o túmulo de nosso Respeitável Mestre Adonhiram.”

2ª- A segunda Escola pertencia àqueles que acreditaram que foi o HIRAM que saiu de Tyro e se tornou arquiteto. Também supôs que em consequência de seu excelente caráter, Salomão o agraciou com o título de “ADON” (Senhor ou Mestre), o chamando então de ADONHIRAM. Assim, como essa teoria não teve sustentação nas Escrituras Sagradas nem na anterior tradição maçônica, a Escola que defendeu tal tese nunca se tornou proeminente ou popular, e logo cessou sua existência.

Entretanto o erro em que isso está baseado é repetido, a intervalos, em gafes de alguns modernos ritualistas franceses.

3ª- A terceira escola compreendia aqueles que tratam esse HIRAM, o fenício, filho da viúva, como um subordinado e não como um importante personagem, o ignoram inteiramente no seu rito, e se posicionaram que ADORAM ou ADONIRAM ou ADONHIRAM, as várias formas como o nome foi pronunciado pelos ritualistas, o judeu filho de Abda, o coletor de tributos e superintendente de arrecadação no Monte Líbano, ser o verdadeiro arquiteto do Templo, e a pessoa a quem todos os acontecimentos da lenda do terceiro grau foram referidos.

Esta última Escola, em consequência da coragem com a qual se posicionou em desacordo com o entendimento da segunda Escola, e, recusando todo o compromisso com a Escola Ortodoxa, assumiu uma teoria independente. Tornou-se, por um tempo, um proeminente cisma na Maçonaria da época. Seus discípulos, conferiram aos que acreditavam em HIRAM ABIF, o nome de “Maçons Hiramitas”, adotando como sua própria denominação distintiva a dos “Maçons Adonhiramitas”.

Assim ficam caracterizadas e diferenciadas, as duas correntes maçônicas, representadas pelas 1ª e 3ª Escolas de Ritualistas Maçônicos. Os personagens não se confundem e nem podem ser confundidos, muito menos unificados. A unificação está na alegoria de suas lendas, ambas com o mesmo ensinamento filosófico, a mesma mensagem, a mesma finalidade, tal qual dois rios desembocando numa mesma foz.

Ao se terminar o enfoque do “personagem” algumas perguntas sobre HIRAM são fundamentais para estabelecer a dualidade existente:

1 – Se era o artífice e ficava cuidando da fundição dos metais e de outros ornamentos, como poderia estar à frente da construção, estando no canteiro de obras, separadas entre si por uma considerável distancia?

2 – Se estrangeiro – um fenício, como poderia ter acesso aos recursos para efetuar os pagamentos semanais?

3 – Se era fenício, porque orar num templo hebreu a um Deus específico do povo hebraico? Não foi no templo, quando foi orar que foi questionado e morto?

As respostas dessas perguntas nos fazem ver que, HIRAM não administrou a construção do templo e nem pagava os operários, nem estava orando no templo quando foi atacado. Era, sim, ADONHIRAM, e, como tal o alvo da cobiça de maus companheiros.

Concordamos que houve duas figuras bíblicas numa mesma época e dedicadas a uma mesma obra, a construção do Templo de Jerusalém, o HIRAM e o ADONHIRAM, onde a existência de um não exclui a existência do outro.

IV – O RITO ADONHIRAMITA

1 - O NASCIMENTO

Embora seja comum falar em “criação” ou “fundação” do Rito Adonhiramita, tais expressões são empregadas erroneamente, uma vez que o referido rito, aos moldes do Rito Moderno, Rito Escocês Antigo e Aceito, Rito Escocês Retificado, e alguns outros, foram, na verdade compilados, formatados, organizados, cada um com suas peculiaridades e finalidades, tendo como base um rito já existente. Em todos, existem muito em comum, pois partiram de um mesmo ancestral, o rito maçônico, praticado na época que para a maioria dos autores, dizem ser o Rito de Heredon. Nenhum rito partiu do nada, sempre foi baseado num modelo existente.

Ainda para se falar do Rito Adonhiramita, torna-se necessário se reportar à maçonaria francesa, berço do referido rito, dos idos de 1736, quando foi fundada a Grande Loja de França e o seu reconhecimento pela Grande Loja da Inglaterra, permitindo dessa forma, a regularização das inúmeras Lojas maçônicas da França, nascidas de forma independentes, agora aglutinadas à Grande Loja.

A sociedade francesa com sua característica liberal e progressista, adotando ou criando correntes de pensamentos filosóficos de vanguarda, veio, evidentemente, a influenciar e personalizar a sua Maçonaria, já que intelectuais, pensadores e filósofos, passaram a fazer parte de seus quadros. Tanto é verdade que, em 1758 é fundado o Conselho dos Imperadores do Ocidente e do Oriente, uma espécie de potência maçônica de “alto nível” que depois se liga à Grande Loja de França, e que, em seus quadros, reúne a elite do pensamento maçônico francês. Foi o celeiro de inúmeros estudos da gênese maçônica, da criação de dezenas de graus maçônicos com o desenvolvimento, quase sem fim, da lenda da construção do Templo de Jerusalém onde muitos deles formaram, por si só, um sistema maçônico³ completo, e outros iam sendo inseridos ou complementando os ritos existentes, ou ainda, servindo para a montagem de novos ritos.

Nomes desses estudiosos, maçónólogos, passam a despontar, a sobressair. Pode-se dizer que foi o Conselho dos Imperadores do Ocidente e do Oriente que mais projetou maçónólogos. Nomes como Jean Baptiste Willemoz, Barão de Hunt, Pierre Jacques, Barão Theodore de Tschoudy, Martinez de Pasqually, Conde de Saint Germain, **Louis Guillemann de Saint Vitor**, Louis Claude de Saint Martin e tantos outros, fizeram parte de seus quadros. Esse Conselho, de influência escocesa, transformou o Rito de Heredon como num rito matriz a partir do qual vieram os demais. Foi a célula embrionária para a

³ ‘Como é o caso da obra de Tschoudy – “L’Étoile Flamboyante (A Estrela Flamejante) que na realidade era uma ordem, ou sistema maçônico de três graus: Cavaleiro de Santo André, Cavaleiro da Palestina e Filósofo Desconhecido.’

formatação dos demais ritos como o Rito Adonhiramita.

Não podemos deixar de citar o ILUMINISMO que propiciou a evolução do pensamento social, embora espalhado por toda a sociedade européia, mas teve na França, a sua verdadeira essência e auge, tornando verdadeira a afirmação de que: *“a revolução industrial ocorreu na Inglaterra, a social, na França.”* Estas idéias iluministas, modernas e racionais bateram de frente com às dogmáticas e ortodoxas do catolicismo, religião dominante, resultando no inevitável choque entre maçonaria, berço dos pensadores, filósofos iluministas e o clero, bem diferente da convivência pacífica na Inglaterra, onde os pastores geralmente eram os próprios capelões das Lojas (função ritualística) e a maçonaria. E foi justamente este embate entre maçonaria e religião, que possibilitou as edições das inúmeras “exposures”, já citadas anteriormente, notadamente na França

Por outro lado, a introdução da figura de ADONHIRAM pelas publicações anti-maçônicas de 1743, 1747 e 1780, já mencionadas, quer trazendo um novo personagem ou dando nova denominação ao personagem até então comum, não só ocasionou o surgimento de várias Escolas do pensamento maçônico, no tocante a figura central da lenda, como citadas anteriormente e passou a influenciar um ritualista da época, Louis Guillemann de Saint Vitor, leitor assíduo daquelas publicações⁴ que embora seguindo a genética ritualística comum, quebrou um paradigma maçônico ao intitular de ADONHIRAM a figura central da lenda, seguindo o pensamento da Terceira Escola, que diferenciava os personagens.

Surge então, um novo rito oficializado através da publicação do “Recueil Precieux de la Maçonnerie Adonhiramite”, em 1781, que continha os quatro primeiros graus, complementando em 1785 com a publicação da segunda *parte, contendo os demais graus, ou perfeição*. Esta publicação, primeira e segunda parte, não foi só a certidão de nascimento de um novo rito – o Rito Adonhiramita- mas constituía-se na sua própria constituição, estrutura e formalização. Tudo o que se tinha sobre o

⁴ *‘Quanto mais examino esas falsas instruções, mais fico aborrecido, para o bem da Ordem...’* –Recueil Precieux de la Maçonnerie Adonhiramite.

novo rito estava ali inserido. Era um rito teísta, constituído de doze graus, assim distribuído:

- 1º grau: Aprendiz,
 - 2º grau: Companheiro,
 - 3º grau: Mestre,
 - 4º grau: Mestre Perfeito,
 - 5º grau: Primeiro Eleito ou Eleito dos Nove,
 - 6º grau: Segundo Eleito, nomeado Eleito de Perignam,
 - 7º grau: Terceiro Eleito, nomeado Eleito dos Quinze,
 - 8º grau: Pequeno Arquiteto,
 - 9º grau: Grande Arquiteto ou Companheiro Escocês,
 - 10º grau: Mestre Escocês,
 - 11º grau: Cavaleiro da Espada, nomeado Cavaleiro do Oriente ou da Águia,
 - 12º grau: Cavaleiro Rosa Cruz.
- Eis o verdadeiro Rito Adonhiramita também conhecido como “Maçonaria dos doze”.

A repercussão da adoção do personagem ADONHIRAM em substituição ao tradicional Hiram foi de tal monta que, mesmo sendo um rito surgido numa obediência regular, a Grande Loja da Inglaterra não o reconheceu como tal, classificando-o de irregular pelo descumprimento de um preceito dos landmarques- a lenda do terceiro grau que, no seu entendimento, havia sido alterada. Seu autor, prevendo e tentando minimizar a questão, procurou nas suas considerações no próprio Recuiel, explicar que “Adon” é um prefixo, e, se retirado o personagem, passa a se denominar HIRAM. Haveria portanto, a manutenção do nome, embora com personagens distintos. Tal explicação, não aceita nem assimilada pela Grande Loja da Inglaterra, levou ao erro muitos escritores maçônicos posteriores, que interpretaram como sendo o mesmo personagem, tendo este acrescido ao seu nome original o prefixo “Adon” que lhe fora agraciado por Salomão, por seus excelentes trabalhos frente às obras do Templo. Esta camuflada explicação perdurou por muitos anos, sendo aceita como verdade (*ainda hoje há quem lê, aceita-a como verdade histórica e a propaga*). O Rito Adonhiramita, no entanto, nunca fundiu o personagem hebreu com o personagem tirio ou fenício. Admite os dois com

funções diferentes como veremos em suas características.

Ainda quando se diz que foram as publicações anti-maçônicas de 1743 e 1747, assim como a de 1780, todas francesas, que influenciaram o autor na elaboração de um rito que tivesse como figura central ADONHIRAM, conforme aquelas publicações, tem-se por base as próprias explicações do autor que assim se expressou no próprio Recueil:

“Com certeza os autores dos catecismos impressos até agora nunca tinham entrado numa Loja de mestre, pois não poderiam ter dito que os que compõem essa Loja são um respeitável mestre, dois vigilantes, dois mestres e dois aprendizes. Quanto mais examino essas falsas instruções, mais aborrecido fico, para o bem da ordem, com o sucesso que tiveram.”

2 - CARACTERÍSTICAS DO RITO

1 – A grande característica deste rito é que o torna diferente dos demais é no tocante a figura central da Lenda do 3º Grau – ADONHIRAM - enquanto os demais ritos têm a figura de Hiram ou Hiram Abiff. Trata-se de duas figuras bíblicas distintas e que não podem ser confundidas. Um era hebreu e o outro cedido pelo rei de Tiro; um administrava as obras do Templo recrutando e pagando os operários, o outro como artífice, ficava a esculpir os ornamentos e a fundir o bronze.

O entendimento dos landmarques aponta para a figura de Hiram, o artífice, e essa troca do personagem foi interpretada como alteração do mesmo, o que levou ao não reconhecimento do rito pela Grande Loja da Inglaterra.

A troca da figura não implica na troca dos ensinamentos e objetivos filosóficos e esotéricos, já que os personagens, embora distintos, trabalharam para o mesmo objetivo: a construção de um templo perfeito dedicado ao Senhor.

Muito mais se poderia escrever sobre estas duas figuras lendárias e mostrar suas ligações na construção do Templo – o artífice e fundidor e o administrador das obras e

pagador dos salários.

A Torah – para nós o Antigo Testamento – como documento histórico confirma a existência dos dois personagens; o escritor Flavio Josephus, por sua vez, relata que Hiran, após o término das obras retornou à sua terra e teve uma “longa velhice”, enquanto Adonhiram, permanecendo nas funções de funcionário do tesouro real, após o reinado do sucessor de Salomão, foi apedrejado e morto numa pequena vila onde teria ido cobrar impostos.

Saindo da parte documental e se fixando apenas na lenda, esta relata que quando Hiran, ao final da tarde fora para o interior do templo para rezar, lá ocorreu o encontro fatídico com os companheiros. Ora, quem foi rezar no templo? Um fenício rezando num templo judeu? Sob este fato a própria lenda conduz para um personagem judeu, cumpridor das obrigações de sua religião judaica, e sendo assim, só poderia ter sido Adonhiran, o judeu?

Ainda há de se concordar plenamente com o escritor Hércule Spoladore⁵ *“O esplendor da lenda Hiramita ou Adonhiramita não está na defesa deste ou daquele personagem, já que no caso ambos os personagens foram emprestados da Bíblia, mas sim na influência e identidade da lenda com o mito solar. Poucos autores mencionam este fato. Parece que o mantém oculto. A lenda do 3º grau é totalmente influenciada pelos cultos solares da antiguidade, tendo o seu similar mais aproximado na lenda egípcia de Osiris. Mas destacam-se ainda na lenda do 3º grau as influências das manifestações religiosas e místicas dos povos antigos como os sumerianos, dos persas, dos gregos. Especialmente do mitraísmo, que era uma religião pagã, que adorava o sol e que foi tornada ilegal e o cristianismo oficial pelo Imperador Teodósio, em 391d.C. numa ocasião em que ela disputava com o cristianismo quase que em igualdade de condições, qual religião prevaleceria. O cristianismo copiou*

⁵ Hercule Spolador, escritor maçônico, integrante da Loja de Pesquisa Maçônicas Brasil do Oriente de Londrina – PR é Cavaleiro Noaquita, grau 13 do Rito Adonhiramita e a citação feita foi extraída do artigo de sua autoria “Alguns Esclarecimentos Sobre o Rito Adonhiramita e Outros Comentários”.

muita coisa do mitraismo, dando outros nomes.”

2 – Foram, inegavelmente, as publicações anti maçônicas de 1743/1744 e 1747, que despertaram Saint-Victor levando-o a concentrar suas pesquisas e estudos no personagem “Adonhiram”, pela coerência entre a função do personagem e o desenvolvimento da lenda.

Como o próprio autor afirmou **“ter levado 06 anos de reflexão até ter mandado imprimir a Compilação Preciosa, em 1781”** é sinal que “suas pesquisas e reflexões” tomaram a segunda metade da década de 70 (1770). Já a outra obra anti-maçônica publicada em 1780, se veio causar indignação a esse autor **“pelo plágio com as anteriores”**, deflagrando a publicação de seu rito, foi uma **prova insofismável** que ele conhecia as publicações anteriores e que foram as fontes de inspiração.

Uma dúvida que provavelmente perdurará eternamente é se o autor do “Catchisme”, Travenol ou “Gabaon”, ao mencionar ADONHIRAM queria se referir realmente a quem? Ao administrador ou ao artífice?

3 – A compilação do sistema dos graus adonhiramitas teve, ao final, a adição de um grau cavaleiro “Cavaleiro Noaquita ou Prussiano”, traduzido do alemão.

Este grau mostra, claramente, tratar-se de uma homenagem a Frederico II, Rei da Prússia, por sua defesa aos maçons, como bem prova a transcrição de suas correspondências, também inseridas na Compilação. Facilmente percebe-se uma clara intenção do autor em homenagear ou prestigiar alguém ou algum fato, quando vemos que tal grau, traduzido do alemão, nada tinha a ver com os graus do Rito, mas figurando ao final da coletânea dos rituais dos graus do rito. Também tem que se registrar, como fator primordial da inclusão desse grau, é por ter sido ele, na ocasião, utilizado para reunir os Cavaleiros Rosa Cruz alemães, residentes ou de passagem pela França, em especial em Paris. Era um grau maçônico, independente e autônomo, muito comum na época, de origem prussiana, que havia sido traduzido por

Bérage, o embaixador alemão na França e que freqüentava a sua maçonaria.

E, devido sabe-se lá o que, quem sabe por prestígio de Guillemann de Saint Vitor, os Cavaleiros Rosa Cruz Adonhiramitas foram convidados a participar dessas reuniões de Cavaleiros Rosa Cruz prussianos. Ora, fica evidenciado que esse grau necessitava ser do conhecimento dos convidados, os Cavaleiros Rosa Cruz Adonhiramitas, e para tal, inserido no Recueil após o último grau do Rito. Vemos, ao estudá-lo, que nada tem de identidade com o Rito Adonhiramita. É um grau de fraternidade, de reunião, de aproximação, e, sob esse aspecto, se coaduna com qualquer rito maçônico. Passou a integrar, efetivamente o Rito Adonhiramita aqui no Brasil, quando da fundação do Grande Capítulo dos Cavaleiros Noaquitais, em 1782, de formas a agraciar os Irmãos integrantes da administração com um grau acima ao de Rosa Cruz. Em todos os registros históricos maçônicos da França e Portugal, únicos países onde se praticou esse rito, não consta ter algum maçom adonhiramita do 13º grau, portanto, foi só no Brasil que o grau foi incorporado ao Rito.

4 – Seu autor, ao compilar a “coleção” a dedicou “**aos maçons instruídos**” (*dédié aux maçons instruits*). É de se estranhar que dentre todas as publicações da época, os inúmeros ritos criados, muitos que nem foram praticados, jamais fora feita uma observação dessa natureza. Sendo assim faz parecer ter sido o rito destinado a uma classe específica de maçom ou uma forma de cooptar maçons feitos ou a fazer, elitizando-os.

Bem sabemos que, até o início da metade do século XVII, a cultura e instrução eram próprias do clero e de filósofos ou pensadores. Na nobreza, como no povo, dominava um deserto cultural. O Iluminismo é do final daquele século e o Humanismo, do século seguinte.

Esse achaque ou pseudo ofensa, pelo que se tem notícia, não foi contestada ou combatida. Daí se julgar que a cultura também não imperava entre os maçons.

5 – o estudo do “*recueil precieux*” mostra ser o Rito

Adonhiramita profundamente Teísta já que o próprio autor afirma que: **“o verdadeiro objetivo da Maçonaria não é outra coisa senão o conhecimento de um Deus Supremo e a reunião das ciências e das virtudes.”**

Mostra mais, que antigamente uma Sessão maçônica era permeada de cânticos, tal qual os ofícios religiosos, que em sua maioria entoavam glórias a Deus, costume inexistente na maçonaria de hoje. Longe de confundir o Rito numa religião, o Rito assegura que é possível reunir a crença num Deus com o conhecimento das ciências e a prática das virtudes. Em outras palavras mostra o maçom adonhiramita como um homem culto, exemplar em seu procedimento e convívio social e temente a Deus. Daí, *“rito dos maçons instruídos”*.

6 – o Rito Adonhiramita não pode ficar restrito apenas ao seu desenvolvimento ritualístico. Não foi sem razão de o terem denominado de “Maçonaria Adonhiramita” dando ao mesmo um sentido mais amplo, de um Sistema Maçônico. É que sua parte ritualística serve de uma espécie de “porta de entrada” para estudos mais profundos contido nos Catecismos dos graus e nas respectivas instruções. O conjunto, ritual, catecismo e instruções nos transportam aos estudos dos mistérios egípcios, eleusianos, gregos e outros tantos.

Infelizmente, na atualidade, a prática por parte dos maçons adonhiramitas está se restringindo ao desenvolvimento ritualístico com abandono do estudo dos catecismos e instruções específicas do rito. Urge resgate.

3 – OS PRIMÓRDIOS DO RITO

O Rito Adonhiramita surgiu numa época em que a Maçonaria, especialmente a francesa, passava por um grande crescimento, promovendo a criação de vários ritos maçônicos, muitos de vida efêmera, outros até nunca praticados, mas que alguns chegaram até nós, dentre os quais o Adonhiramita. Este rito, dada a sua simplicidade, espiritualidade e seu arcabouço doutrinário, caiu nas graças das tropas napoleônicas formando

as “Lojas militares”, se espalhando por todas as colônias francesas onde as tropas se faziam presentes. É bem verdade que não havia a fixação das Lojas nos locais pois com o regresso das tropas, a Loja vinha junto.

Da mesma forma foi levado para Portugal só que lá houve a fixação no Grande Oriente Lusitano que, por sua vez, também levou para suas colônias, também sem registro de permanência, exceto em terras brasileiras.

A partir de 1786 quando o Grande Oriente de França adota o Rito Moderno como seu rito oficial, provoca não só a estagnação do Rito Adonhiramita, como começa seu declínio naquele país, culminando com sua posterior extinção.

Em Portugal o Grande Oriente Lusitano, em 1806, também adota o Rito Moderno como o oficial, iniciando também o declínio do Rito Adonhiramita, não com a mesma rapidez como ocorreu na França, já que pelo “*teísmo*” do rito era muito do gosto do povo português. Além de impregnado de influência religiosa era um rito com também forte influência templária. Mesmo assim, não deixou de ser extinto.

Nos dias de hoje, conhecendo o rito praticado na atualidade sem um estudo ao passado, não se pode imaginar como o rito se apresentava por ocasião de sua criação e até quando foi trazido para o Brasil com a Loja Comércio e Artes, em 1815. Era extremamente simples como eram os demais ritos da época, até para facilitar a memorização dos rituais por parte dos que comandavam a Sessão, já que os rituais – intitulados de catecismos, eram, quando existiam, extremamente sucintos como forma de preservar os segredos.

O Rito Adonhiramita e o Rito Moderno, formados sob o mesmo contexto maçônico, foram, por muito tempo semelhantes, diferenciados entre si apenas pelo personagem da lenda: Adonhiram, para um e Hiram para o outro. A semelhança era tal que integravam o Colégio dos Ritos Azuis em contraposição ao rito vermelho (REAA). As alterações, os acréscimos, a nova identidade só ocorreu quando o Rito Adonhiramita era apenas brasileiro e, mormente, a partir da segunda metade do sec XX.

Hoje quando se fala na “pureza” do rito, é que o Sublime Grande Capítulo Adonhiramita do Brasil procura mantê-lo com o mesmo formato de sua criação, permanecendo, evidentemente, os acréscimos que o personalizaram e o caracterizaram na atualidade, sem mexer em sua globalidade. A mensagem e o ensinamento filosófico propostos quando de sua criação continuam sendo mantidos.

Seria falacioso se imaginar que praticamos o Rito Adonhiramita tal como foi criado, em 1781 ou até como era praticado pela Loja Comércio e Artes em sua fundação, em 1815. Obviamente que não. Manteve-se a mesma mensagem filosófica e moral, preservou-se os ensinamentos doutrinários, mas mudou-se muito o formalismo. Ocorreram inserções para satisfazer as necessidades de seus praticantes, o que o tornou mais atrativo, mais místico e mais espiritualizado.

Pode-se afirmar, com toda a certeza, que o “nosso” Rito Adonhiramita continua o mesmo, tal como era praticado, filosófica e ritualisticamente, por suas lojas na década de 1970, década que houve a cisão no GOB e este provocou uma transformação substancial do rito que adotamos algumas por julgarmos racionais e rejeitamos outras julgadas despropositais.

4 - OUTRAS CARACTERÍSTICAS

O Rito Adonhiramita possui algumas características que o tornam peculiar e até é identificado pelas mesmas.

Tais como:

- Concepção de Deus: enquanto que os ritos maçônicos são todos de concepção Deísta, o Rito Adonhiramita é profundamente TEÍSTA, o que o caracteriza como um rito muito espiritualizado;

- Forma de Tratamento: Sendo o tratamento maçônico de uma forma geral é o de “Irmão”, o rito se caracteriza por tratar a todos de “Amados Irmãos”, o que o faz ser reconhecido como o Rito da Fraternidade;

- Presença da Chama Sagrada com ritual de

acendimento e adormecimento: Característica própria e específica de um rito de enorme significado espiritual.

- Cortejo de Entrada: Formação e composição da Loja no átrio e a preparação espiritual dos IIR para a Sessão a ser iniciada. Propiciando a formação da egrégora que irá ser reforçada dentro do templo, para o bom desenvolvimento dos trabalhos. Por dar uma demonstração de organização, outros ritos estão copiando este procedimento.

- A Incensação: Outro procedimento próprio do rito, de grande simbologia e impacto, além de um profundo significado místico.

- Uso de Velas: O rito não admite sua substituição pelas lâmpadas que imitam o fogo. Nossas velas são as reais que queimam produzindo a chama.

- Nome Histórico: Embora este uso antigo era praticado em toda a maçonaria, mas mesmo quando caiu em desuso nos demais ritos, o Rito Adonhiramita o manteve, não só como tradição, mas como uma de suas características.

- Uso do Chapéu e Luvas: Este costume antigo, ainda é presente no Rito Adonhiramita. A obrigatoriedade do uso de luvas para todos, e do chapéu para o mestre, independente do grau da Sessão, que deve ser observada.

- Uso da Gravata Branca: Gravata branca, símbolo da nobreza, foi adotada pelo rito.

- Uso de Espada: A espada como arma simbólica e esotérica, atuando no campo astral, não só nos remete a nobreza europeia mas mantemo-la como instrumento maçônico, a despeito de outros ritos que migraram para o bastão.

- A Bíblia, como Livro da lei: O Livro da Lei é a Bíblia Sagrada e ela não divide espaço no Altar dos Juramentos com nenhum outro volume congener, seja de qual religião for, ou não religioso. E é sobre a Bíblia que se fazem os juramentos ou se prestam os compromissos.

Além destes itens comentados, o Rito Adonhiramita, assim como o Rito Moderno, também chamado de ritos azuis, tem as colunas vestibulares invertidas em relação ao REAA.

Também, os ritos azuis, rompem a marcha com o pé

direito, ou seja, fazem do lado direito o lado ativo.

IV – 5 – O RITO ADONHIRAMITA NO BRASIL

O Rito Adonhiramita foi trazido para o Brasil, ainda quando era colônia, pelas Lojas de obediência do Grande Oriente Lusitano, pois as Lojas ligadas ao Grande Oriente de França, seguiam o Rito Moderno, rito oficial daquela obediência. Mas, na época, a maçonaria, então existente, era inconstante, e, as Lojas, geralmente tinham pequena duração, abatendo colunas com extrema facilidade, por pressão política ou por quantidade insuficiente de obreiros, devido sua permanência temporária em nossa terra. Tem-se como exemplo a Loja União⁶, primeira loja maçônica comprovada no Brasil, que logo depois transformou-se na Loja Reunião e pouco depois abateu colunas. E isso aconteceu com uma série de outras Lojas, quer no Oriente do Rio de Janeiro, de Salvador, de Recife ou em outros de menor importância em solo brasileiro. Também, se consistindo numa verdade histórica é que antes do ano de 1800 não existia nenhuma Loja maçônica no Brasil. Comenta-se muito da existência da Loja Cavaleiros da Luz, na Bahia, já nos idos de 1798, cuja comprovação está em citações e não em documentação mais consistente.

A maçonaria brasileira, efetivamente, começou com a fundação da Loja Comércio e Artes (1815) já com propósitos políticos definidos e adotando o Rito Adonhiramita. Foi uma loja criada com a finalidade de dar suporte à fundação de uma obediência brasileira e, a partir dela, propagar as idéias de emancipação. Daí dizer ser o Rito Adonhiramita o rito primaz da maçonaria brasileira.

Embora essa Loja tenha adormecido em 1818 em face do alvará que proibia o funcionamento das sociedades secretas motivado especialmente pela malograda Revolução

⁶ Segundo o Annaes Fluminense de 1832, esta foi a primeira loja regular brasileira, trabalhava no Rito Adonhiramita e se situava na Praia Grande, em Niterói – RJ.

Pernambucana de 1817, em 1821 teve suas colunas reerguidas com o título de “Loja de São João **Comércio e Artes da Idade do Ouro**”. Isto se deu em 24 de junho, dia de São João. O pré nome de “Loja de São João” era o indicativo de uma Loja maçônica simbólica, bem diferente de hoje, que já trás o indicativo de “Loja simbólica”.

Neste soerguimento, a quantidade de adesão de maçons foi tão grande que logo se encontrou condições de fundação de uma potência nacional, grande propósito das lideranças maçônicas da época. Esta Loja Adonhiramita teve seus obreiros divididos por sorteio, promovendo o surgimento de mais outras duas⁷ que adotaram o Rito Moderno. Foram essas três lojas metropolitanas que sustentaram o recém fundado Grande Oriente Brasílico, obediência que também adotou o Rito Moderno como o oficial, mas a Loja Comércio e Artes manteve seu rito original até seu novo adormecimento motivado por nova suspensão dos trabalhos da maçonaria brasileira, agora determinado por D.Pedro I, já como seu Grão Mestre. Adormecida mas não extinta, experimentou novo e definitivo soerguimento, em 1831, para formar o Grande Oriente Brasileiro, também conhecido como “do Passeio” e o fez adotando o Rito Moderno e nesse permaneceu até 1974 quando passou para o REAA.

Voltando ao Rito Adonhiramita, este atravessou os tempos, ora com uma quantidade reduzida de lojas, ora até sem loja alguma.

Com o cessar das atividades maçônicas em 1822, a maçonaria só recomeça seus trabalhos com a criação em 1831, do Grande Oriente Brasileiro (ou do Passeio).

Em 1832, ocorre a reinstalação do Grande Oriente Brasílico, tendo a frente as antigas lideranças de 1822, agora então denominado de Grande Oriente do Brasil (denominação que se mantém até os dias atuais), sob a presidência e Grão mestrado de José Bonifácio. Mas, em nenhuma das potências maçônicas daquela ocasião, existiam lojas do Rito Adonhiramita, eram do Rito Moderno ou em especial do REAA, o “rito do

⁷ Loja União e Tranquilidade como nº 2 e Loja Esperança de Niterói como nº 3

momento”, recém introduzido em nossa terra, graças ao Supremo Conselho do Rito Escocês, fundado por “Montezuma” em 1832. Até a Loja Comércio e Artes, sempre despontando e inclusa nesses acontecimentos, não adotou mais o seu rito de origem como vimos anteriormente. O rito só retornou ao cenário maçônico nacional em 1838 quando foi reintroduzido com a fundação da Loja Sabedoria e Beneficência, de Niteroi, do GOB, passando a ser a primeira e única Loja Adonhiramita, que apesar de duração efêmera, mas sendo suficiente para se difundir para outras Lojas, inclusive, de outra obediência, e, assim, o rito permaneceu existindo, embora sofrendo os embates das dissidências de Obediências e a concorrência da grande aceitação do REAA, introduzido a partir de 1830 e que caindo no gosto e na grande aceitação do maçom brasileiro, hoje domina disparadamente, o cenário das lojas simbólicas das obediências maçônicas brasileira.

É de se registrar que no ano seguinte à reintrodução do Rito Adonhiramita, em 1839, foi fundada a Loja Asylo da Prudência, no Rio de Janeiro – GOB e adotou esse rito. Em 1918 esta Loja funde-se com outra Loja, também adonhiramita, a loja Amor da Pátria, fundada em 1893 e surge a loja Prudência e Amor nº 0048 que arrasta consigo a data de fundação da loja de origem mais antiga, bem como seu número. Temos nos dias de hoje que a loja mais antiga praticante do Rito Adonhiramita sendo a centenária Loja Prudência e Amor do GOB se constituindo-se, assim, na loja mais antiga do rito no Brasil. Funciona no Palácio Maçônico do Lavradio- RJ.

Bem ou mal, independente da primazia de outro rito, o Rito Adonhiramita sempre teve um punhado de lojas que o manteve no cenário maçônico, principalmente no norte e nordeste brasileiro, fazendo-o sobreviver até nossos dias como veremos pelo seu percurso:

- em 1842, com a nova constituição do GOB é criado o Grande Colégio de Ritos, que engloba na obediência, todos os ritos praticados – Moderno, Adonhiramita e EAA. Isto quer dizer que os ritos, na totalidade de seus graus, eram do governo da

obediência, ou seja, o GOB era uma Obediência simbólica e filosófica ao mesmo tempo (Potência Mista);

- a nova constituição de 1855 trouxe como novidade a separação dos ritos. Com a predominância do REAA e a existência de um Supremo Conselho exclusivo para este rito e com autonomia, fez com que coubesse a esse a administração do rito, embora ainda atrelado ao GOB. Os Ritos Adonhiramita e Moderno passaram então a integrar o recém criado Sublime Grande Capítulo dos Ritos Azuis, caracterizado pela afinidade entre ambos. Ritos azuis pela cor dominante dos ritos (paramentos, decoração dos templos, etc.) em contraposição à cor vermelha, predominante no REAA.

- o período 1863/73 foi, de certa forma, profícuo para nosso rito. Houve uma dissidência no GOB e conseqüente criação de outra obediência – Grande Oriente do Vale dos Beneditinos (depois Grande Oriente Unido), florescendo neste último uma grande quantidade de Lojas Adonhiramitas, suplantando em número as existentes no GOB;

- cabe frisar que nessa retomada das atividades maçônicas em 1831/32 a ausência do Rito Adonhiramita foi por falta dos “reguladores” que atualmente intitulamos de rituais. Somente em 1836 é que foi editado pela “Tifpographia Austral” situada no Beco dos Quarteis, centro do RJ, a Coleção Preciosa da Maçonaria Adonhiramita, versa em português do original Frances, com os 12 graus originais, possibilitando os trabalhos no Rito Adonhiramita com a fundação de lojas deste rito, fazendo ressurgir o rito no Brasil.

- quando se compara o ritual (regulador) utilizado pela loja Comercio e Artes nos idos de 1815/17 com o ritual dos três primeiros graus dessa publicação, constatamos pequenas diferenças quanto aos procedimentos, mas uma semelhança na simplicidade dos trabalhos.

- em 1863, liderados por Saldanha Marinho, mais de

1500 irmãos se desligam dos GOB e fundam uma nova potência maçônica. Como sua sede se estabeleceu no vale dos Beneditinos, centro RJ, esta nova Potencia passou a denominar-se de Grande Oriente dos Beneditinos. Neste, o Rito Adonhiramita floresceu tanto que suplantou o GOB em quantidade de lojas e possibilitando condições d em 1872 ser criado em seu seio o Sublime Grande Capítulo dos Cavaleiros Noaquitas, oficina chefe do Rito. Idêntico organismo, no GOB e homônimo, só foi criado no ano seguinte. De oficina chefe passaram, logo depois, à Oficinas Filosóficas.

- foi no Grande Oriente dos Beneditinos através do Sublime Grande Capítulo dos Cavaleiros Noaquitas que surgiram as primeiras preocupações de ordenar e orientar os procedimentos ritualísticos do rito editando os “provimentos” e, muitos dos procedimentos fixados aquela ocasião que são observados nos dias de hoje, garantindo a uniformidade de procedimentos do rito.

- Posteriormente a fusão entre o GOB e o Grande Oriente dos Beneditinos, formando o Grande Oriente Unido, que mais tarde passou a denominar-se de Grande Oriente do Brasil, as oficinas filosóficas também fundiram-se, ou melhor, as do GOB absorveu sua co-irmão, embora mais antiga.

- por sua vez, como já afirmado anteriormente, para dar novo vigor ao rito e acompanhando o ocorrido no Grande Oriente dos Beneditinos, em 1873, o GOB cria também o seu Mui Poderoso e Sublime Grande Capítulo dos Cavaleiros Noaquitas exclusivo para o Rito Adonhiramita, separando-o administrativamente do Rito Moderno. É dotado de autonomia e com o devido suporte para sua expansão. Fica esse Grande Capítulo encarregado dos graus filosóficos, ficando os graus simbólicos à administração direta do GOB. A autonomia do Grande Capítulo não era total, já que estava subordinado ao poder central. Os administradores do Grande Capítulo, na ocasião, foram elevados ao grau de Cavaleiro Noaquita, efetivando o 13º grau do rito, até então com apenas 12, sendo-

lhes conferido este grau pelo Supremo Conselho do REAA através de tratado, já que os dirigentes do Supremo Conselho possuíam graus mais elevados que o de Cavaleiro Noaquita que nesse rito é o 21º;⁸

- em 1952 numa nova estruturação no rito, com a separação efetiva dos graus simbólicos e filosóficos, o Grande Capítulo dos Cavaleiros Noaquitas adquire sua independência, transformando-se em Potência Filosófica e exercendo o governo dos graus 4 ao 13, enquanto o GOB fica com o governo dos graus simbólicos. Só que, através de tratado o Grande Capítulo não fica alijado dos assuntos do simbolismo, servindo sempre como um órgão de assessoramento.

- a cisão havida no GOB em 1927 e advindo a criação das Grandes Lojas Estaduais, em nada afetou o Rito Adonhiramita, pois restringiu-se ao âmbito de Supremo Conselho, exclusivo do REAA. Já a cisão de 1973 com a criação dos Grandes Orientes Independentes, hoje formando a COMAB, teve conotação diferente, pois foi uma separação de Lojas Simbólicas. Cada Grande Oriente que se emancipou trouxe consigo uma série de Lojas, e, cada qual por sua vez, trouxe o rito que praticava. E quando sentou a poeira da dessa cisão, ficando estabelecidas as Lojas que deixaram o GOB, as que saíram e após retornaram com toda sua composição ou em parte, e que os Grandes Orientes Independentes ficaram com suas composições definidas, constatou-se que, enquanto no GOB existiam 33 lojas do rito, nesses Grandes Orientes, então formando o Colégio de Grãos Mestres, o Rito Adonhiramita estava presente em uma única loja – a Loja JANUÁRIO CORTE do GOSC, ao Oriente de Florianópolis, alçada então a condição de “Loja mater” do rito para esta Confederação.

Fora esta Loja, nada mais restou do rito nesses Grandes Orientes Independentes. Tudo ficou no GOB ou ligado

⁸ Isto foi possível porque havia um Supremo Conselho ligado ao GOB e inexistente no Grande Oriente dos Beneditinos, cujo Grande Capítulo dos Cavaleiros Noaquitas era composto apenas de Ilr.: Cavaleiros Rosa Cruz.

a ele, como a obediência filosófica, o Grande Capítulo dos Cavaleiros Noaquitas. Até a Loja Capitular Adonhiramita, “Sublime Capítulo Julio Agostinho Vieira” que funcionava junto à Loja Simbólica Januário Corte, elevando os irmãos adonhiramitas até ao grau de Cavaleiro Rosa Cruz, 12º do rito, sem mais a cobertura filosófica da Oficina Chefe, abateu suas colunas.

Hoje a realidade é bem outra. O rito está robusto solidificado e de permanência garantida. A titulação de “rito em extinção” mencionada por maçonólogos nas décadas de 1960/70, não lhe cabe mais. Atualmente o rito tem consistência e uma grande quantidade de Lojas que lhe dão sustentação segura. Está presente na maioria dos Grandes Orientes Independentes, no GOB e na Grande Loja de São Paulo e retornou a funcionar na Grande Loja Regular de Portugal, com três lojas simbólicas.

6 - O RITO ADONHIRAMITA NA ATUALIDADE

Desde a muito, o Rito Adonhiramita só era praticado no Brasil, através de centenas de lojas do Grande Oriente do Brasil, de lojas na maioria dos Grandes Orientes Independentes e na Grande Loja do Estado de São Paulo. Dentre os Grandes Orientes Independentes o destaque é para o GOSC – Grande Oriente de Santa Catarina - que detém, disparadamente, a maior quantidade de lojas do rito, ultrapassando a casa das três dezenas. Também o Grande Oriente do Rio Grande do Sul, o Grande Oriente do Paraná e a GLESP, se destacam pelo crescimento do rito em seu seio, possuindo uma quantidade digna de lojas.

Como a história é composta de fatos e episódios, não se pode omitir o esforço empreendido pelo Sublime Grande Capítulo Adonhiramita do Brasil, na pessoa de seu fundador e 1º Patriarca, Lúcio Nelson Martins, - Ir.: Dupuy, que após incentivar a sua expansão no GOSC, sua introdução ou desenvolvimento na maioria dos Grandes Orientes Independentes, também procurou reintroduzir o Rito

Adonhiramita em Portugal, aproveitando sua ida àquele Oriente, junto com uma delegação da COMAB na qual o GOSC estava incluso para os festejos de aniversário da 3ª República a ser comemorado pelo Grande Oriente de França, nos idos de 1987. Como a delegação ia passar por Lisboa e visitar o Grande Oriente Lusitano, o Ir.: Lucio levou coleções dos rituais adonhiramitas e naquela potência fez a entrega ao Grão Mestre local dizendo que:

“passado mais de um século e meio que o Grande Oriente Lusitano levou o Rito Adonhiramita para o Brasil, nesta ocasião, através destes rituais, o Sublime Grande Capítulo Adonhiramita do Brasil o faz retornar às terras lusitanas.”

Apesar de, na emoção, o Grão Mestre prometeu criar, de imediato, uma Loja adonhiramita, tudo ficou na retórica e a tal loja nunca foi fundada. Mesmo quando o Grão Mestre daquela obediência recebeu o grau de Cavaleiro Noaquita num evento adonhiramita no Grande Oriente Independente de Pernambuco em 2008 se acreditava no renascimento do rito, mas em vão.

Por outro lado, em 2009, o GOB, junto a Grande Loja Regular de Portugal, conseguiu reintroduzir o rito naquele Oriente, com as fundações das Lojas Simbólicas: R₃L José Estevão 72, no Oriente de Aveiro, RL Mestre Hiram 42, no Oriente de Oliveira e RL Colipo, no Oriente de Leira, e, com estas três lojas, a seguir, fundaram o Excelso Conselho da Maçonaria para Portugal, aos moldes do ligado ao GOB.

Se foi um rito francês por nascimento, hoje o Rito Adonhiramita é brasileiro e lusitano.

Como foi mencionado anteriormente, na tentativa de revigorá-lo e afastar o perigo de desaparecimento, nos meados da década de 60, o grão mestrado do GOB começou a promover alterações em seus graus simbólicos, adicionando procedimentos e cerimônias, tais como: reunião preparatória no átrio, abertura e leitura do Livro da Lei, formação do pátio, chama sagrada, cerimonial da incensação e do fogo, adormecimento do fogo e adormecimento da chama sagrada,cerimonial da bandeira e presença permanente dela. A Sessão ficou mais mística, mais espiritualizada, reascendendo o Teísmo do Rito.

Por ocasião da cisão de 1973, apenas o simbolismo do rito havia sofrido alterações. Os altos graus **continuavam inalterados**, com os 13 graus e governados pelo Grande Capítulo dos Cavaleiros Noaquitas. Tanto é verdade que em meados do ano da cisão, irmãos adonhiramitas do GOSC, pertencente ao Capítulo Julio Agostinho Vieira, foram elevados pela direção do Grande Capítulo ao grau de Cavaleiro Rosa Cruz – o 12º do rito. (Ir.´. Lúcio e tantos outros). E nem se cogitava alteração nos graus filosóficos.

Ocorrida e consumada a cisão é que, no âmbito do GOB, no rastro das alterações simbólicas foi também modificado o sistema dos altos graus, elevando de 13 para 33 graus, aos moldes do rito Escocês, transformando, por conseguinte, o Sublime Grande Capítulo dos Cavaleiros Noaquitas em Excelso Conselho da Maçonaria Adonhiramita, cujos Estatutos só foram aprovados em Sessão extraordinária de 28 de maio de 1982.

Portanto o Rito Adonhiramita, na época da cisão de 1973 e praticado pela Loja Januário Corte e depois difundido para uma série de lojas do GOSC que foram sendo fundadas, a começar pela Loja Lélio Martins, fundada em 1983, era “o rito de treze graus” e que permanece como tal.

Como o rito se desenvolveu no GOSC, com a fundação de várias Lojas Simbólicas (e também em outros Grandes Orientes da COMAB), fazia mister criar uma corporação filosófica para governar os altos graus, ou seja, um Grande Capítulo, principalmente no Oriente de Florianópolis e adjacências, onde a quantidade de lojas já era expressiva e os maçons adonhiramitas desejavam conhecer o seu rito em todos os seus graus, além de ser, também, o sonho do Ir.´. Lúcio, na implantação dos graus filosóficos.

Inicialmente, em 1991, nasceu o Sublime Grande Capítulo Adonhiramita de Santa Catarina, que, com o evoluir do rito em outros Grandes Orientes e se tornando a Oficina Chefe de Rito reconhecida oficialmente pela COMAB, houve por bem, mudar sua denominação para Sublime Grande Capítulo Adonhiramita do Brasil, para ter uma conotação mais abrangente.

Como registro histórico, pouco antes da fundação do

Sublime Grande Capítulo Adonhiramita de Santa Catarina, no seio do Grande Oriente Paulista (COMAB), existiam umas poucas Lojas Simbólicas adonhiramitas e estavam em vias de criar uma corporação filosófica do rito, nos moldes do Excelso Conselho da Maçonaria Adonhiramita, ou seja, com 33 graus, era o Conselho Supremo do Rito Adonhiramita. O modelo não teve curso, a corporação filosófica não foi criada e seus líderes deixaram o GOP. Também, mais tarde, como fruto de novos desentendimentos, outras lojas simbólicas adonhiramitas deixaram o GOP e foram recebidas pela MRGLESP, constituindo-se nas primeiras lojas simbólicas adonhiramitas pertencentes a uma Grande Loja.

Fazendo uma rápida abordagem da situação do Rito Adonhiramita no Brasil, veremos que no GOB, se constitui num rito com um considerável número de Lojas espalhadas por todos os orientes da federação, em especial, nos do norte e nordeste do país. Vive nos dias atuais, uma crise nos seus graus filosóficos, com dois Excelsos Conselhos em funcionamento e não se reconhecendo.

Quanto aos Grandes Orientes Independentes a liderança está com o Grande Oriente de Santa Catarina, na casa das três dezenas de lojas simbólicas, mas se faz presente também no Grande Oriente Independente de Pernambuco, Grande Oriente da Paraíba, nos de Minas Gerais e do Rio de Janeiro; é marcante no Grande Oriente Paulista, crescente no Grande Oriente do Paraná, antes com lojas só no interior, mas agora presente também no Oriente de Curitiba, nos Grandes Orientes do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Rio Grande do Sul. Neste último, já foi fundado um Sublime Grande Capítulo a administrar seus graus filosóficos.

Nas Grandes Lojas Estaduais se encontra presente na maior delas, na Grande Loja do Estado de São Paulo, com lojas atuantes, quantidade crescente e que se espera ser o ponto de entrada para as outras congêneres.

Para um rito que há poucos anos atrás estava em vias de extinção e hoje estar nesse crescente espantoso, só pode ser obra do Grande Arquiteto do Universo.

V – OUTRAS CONSIDERAÇÕES

Assim, como normalmente acontece, o autor ou “criador” de um rito maçônico, parte de uma base pré existente ou se baseia em um ou mais ritos em uso, tempera seu conteúdo com sua visão esotérica e filosófica, dá-lhe uma ou mais características específicas, que, o identifica e aponta a direção de seus objetivos. Com o Rito Adonhiramita não foi diferente. Sua matriz foi o Rito de Heredon, em uso na maçonaria francesa, na época. Os graus que compõe sua estrutura também não foram criados exclusivamente para o rito. Geralmente já existiam, quer no rito base ou em outro e receberam a devida alteração ou adaptação. O exemplo mais claro é o grau de Cavaleiro Rosa Cruz, comum a, praticamente, todos os ritos e devidamente adaptado à filosofia de cada rito. Não é de propriedade de rito algum, simplesmente é um grau maçônico. E assim acontece com os demais graus como os de “Mestre Perfeito” “Eleitos” e outros tantos “graus cavalheirescos” etc. Para alguns graus, temos os registros de sua origem, como é o caso do grau de Cavaleiro Noaquita, grau baseado na lenda de Noé, de origem prussiano, e que tinha como finalidade, reunir os Cavaleiros Rosa Cruz independente de ritos. Mas, para a maioria deles, simplesmente já eram graus maçônicos existentes. Isto quer dizer que, por mais diferente que seja um rito maçônico, tem muito em comum com os demais.

VI – CURIOSIDADE HISTÓRICA

Com a separação do GOSC junto ao GOB, em 1973, iniciou em Santa Catarina, tratativas de união desta potência recém independente, com a Grande Loja de Santa Catarina, para formar, então a Grande Loja Unida de Santa Catarina. Tais tratativas não ficaram apenas em palavras, vontade e intenções. Foi firmado um documento que deveria ser aprovado pelos órgãos deliberativos de cada potência, no caso do GOSC, pelo

seu Conselho Geral, onde era previsto até a prorrogação dos mandatos do Grão Mestre e seu Adjunto, para no futuro, haver as eleições gerais já quando unificada.

Como sabemos, as Grandes Lojas não praticam o Rito Adonhiramita, nem adota o Rito Moderno, restringindo-se, basicamente, ao Rito Escocês, decorrência da sua origem, um Supremo Conselho. Dentre as Lojas do GOSC, na ocasião, figuravam, a Loja Ordem e Trabalho do Rito Moderno e a Loja Januário Corte do Rito Adonhiramita, as quais, por exigência da Grande Loja e para efetivar a unificação, teriam um prazo determinado para mudarem de rito. O Conselho Geral do GOSC, presidido pelo Ir. Lúcio Nelson Martins (Ir. Dupuy), então Grão Mestre Adjunto e obreiro da Loja Januário Corte, maçom adonhiramita convicto, não admitiu tal exigência, garantindo que sua Loja não mudaria de rito.

E assim, dada a tal posição intransigente, não se consumou a unificação das Obediências, a Loja Januário Corte manteve seu rito e a condição de Loja Mater do Rito Adonhiramita das Lojas do Colégio de Grão Mestres, hoje COMAB, o GOSC como Potência Maçônica Independente e a Grande Loja Unida de Santa Catarina ficou no projeto e na história da maçonaria catarinense. (out/74)

PUBLICAÇÕES ANTIMAÇÔNICAS

1730 – MASONRY DISSECTED de Samuel Prichard

1737 – RECEPCION D'un FRANC MAÇON – primeira exposure francesa e plágio do livro de Samuel Prichard.

1743 – LES CATCHISME DES FRANCS MAÇONS – de Louiz Travenol com o pseudônimo de “Leonard Gabanon”. Revela todo os rituais dos 3 graus em uso na época, os Catecismos de cada grau e aparece o nome de ADONHIRAM.

1744 – LES SECRETS DES FRANCS MAÇONS – do abade Luiz Calabre Gabriel Perau, consistindo numa coleção de canções e poesias maçônicas.

1744 – ABRÉGE DE L'HISTOIRE D'ADONHIRAM ARCHITECTE DU TEMPLE DE SALOMON de Louiz Travenol, mantendo o pseudônimo de Leonard Gabanon, onde consolida o personagem Adonhiram como o construtor.

1745 – L'ORDRE DES FRANCS MAÇONS TRAHIS ET LES SECRETS REVELES – obra de Perau com outra roupagem, na qual revela os segredos e cerimônias ritualísticas e se constituiu num precioso documento maçônico. Êxito de vendagem com 77 edições.

1747 – Republicação da obra de Travenol

1748 – LES FRANCS MAÇONS ECRASES - do abade Larudam

1760 – THREE DISTINCTS KNOCKS – revelação dos rituais dos “Antigos” da época.

1770 – JAQUIM & BOAZ – revelação dos rituais da Grande loja dos “Modernos”.

1780 – Plágio da obra de Travenol de 1744 e 1747

1890 – Obras de Leo Taxtil, que embora tenha admitido publicamente a farsa de suas obras foram, mesmo assim, por muitos acreditadas.

ALGUMAS DATAS IMPORTANTES DA HISTÓRIA DA MAÇONARIA

1232 – Criado na Espanha o Tribunal do Santo Ofício ou Santa Inquisição

1356 – Henry Yevele e mais 11 pedreiros livres vão ao Prefeito de Londres apresentarem um estatuto para a formação de uma sociedade fechada. Os estatutos são aprovados e passa, historicamente, a ser a Certidão de Nascimento da Maçonaria Operativa.

1600 – Morre na fogueira da inquisição, Giordano Bruno.

É iniciado na Loja “Capela Maria”, em Edimburg, Escócia, o senhor de terras, John Boswell, que nada tinha a haver com a arte de construir dos maçons da época.

1676 – Aparece a menção da palavra “maçom aceito”.

1717 – Fundação da Grande Loja de Londres ou Grande Loja dos modernos, marco inicial da Maçonaria dos Aceitos ou Especulativa. Mais tarde, Grande Loja Unida de Londres e após, Grande Loja da Inglaterra.
--

1728 – É criado o cargo de Mestre de Banquetes pela Grande Loja de Londres.

1730 – É fundada a primeira loja na América do Norte, na Filadélfia.

1731 – É fundada a Grande Loja Provincial da Itália.

1736 – É fundada a Grande Loja de França sob o reconhecimento da Grande Loja da Inglaterra e que em 1772,

em Assembléia Geral é declarada extinta, surgindo em seu lugar a Grande Loja Nacional da França e que, por sua vez, em nova assembléia, no ano seguinte, se transforma no Grande Oriente de França, com profundas alterações administrativas e estruturais.

1750 – É criado na Alemanha o Rito da Estrita Observância que introduziu de maneira acentuada na Maçonaria o ocultismo e o esoterismo.

1756 – Funda-se, em Paris, o Conselho dos Imperadores do Oriente e do Ocidente que funde-se com a então Grande Loja de França e criam o Colégio de Ritos, estimulando a criação de graus elevados e nobres.

1761 – É criado o Rito Moderno.

1773 – Entra em cena o Grande Oriente de França.

1774 – O GOF aprova as Lojas Femininas de Adoção.

1781 – É criado o Rito Adonhiramita por Louis Guillemainn de Saint-Vitor, sendo os rituais dos 4 primeiros graus publicados no ano seguinte compilados no primeiro volume do Recueil Precieux de La Mçonnarie Adonhiramité.

1785 - É publicado o segundo volume do Recueil Precieux de La Maçonnerie Adonhiramité com os demais graus do rito – 5º ao 12º

1786 – O GOF adota o Rito Moderno como o oficial da potência.

1802 - Fundação do Grande Oriente Lusitano

1806 - É a vez do Grande Oriente Lusitano adotar o Rito Moderno com o oficial.

1795 – Continua as atividades da Santa Inquisição, queimando em suas fogueiras o Conde de Cagliostro, famoso

por sua maçonaria egípcia.

1877 – O GOF suprime o uso obrigatório da Bíblia nos altares das suas Lojas, ocasião em que o Rito Moderno a troca pela Constituição do país. Suprime, ainda, a invocação ao Grande Arquiteto do Universo e estabelece, de não mais a necessidade da crença religiosa dos maçons, mas a total “liberdade de consciência”.

1878 – A Grande Loja da Inglaterra retira seu reconhecimento ao GOF e o torna irregular, situação que persiste até os dias atuais.

ALGUMAS DATAS IMPORTANTES DA HISTÓRIA DA MAÇONARIA BRASILEIRA

1800 – Fundação da Loja União – RJ Loja do Rito Moderno?? ou Adonhiramita??

1802 – Regularização da Loja União pelo GO da Ille de France, fundado em 1778

1804 - A Loja União suspende os trabalhos, e, em seu lugar, surge a Loja Reunião, em tudo, igual a primeira: rito e subordinação;

- Chegada ao RJ de uma delegação de Ilr.: do GO Lusitano, para regularizarem a Loja Reunião, mas esta não aceita e fica ligada ao GO de Ille de France.

- Os delegados fundam as Lojas: Filantropia e Constância, no RJ, ligadas ao GO Lusitano – Rito Moderno

1806 – O novo Vice Rei, D. Marcos de Noronha e Brito – 8º Conde de Arcos, proíbe o funcionamento de Lojas

maçônicas nesta colônia;

1807 – Fundação da Loja Virtude e Razão Restaurada, em Salvador - BA;

1809 – Fundação da Loja Regeneração, em Olinda - PE;

1812 – Fundação da Loja Distintiva, em Niteroi, e Loja São João de Bragança, no RJ – RJ;

1813 – Fundação da Loja União, em Salvador BA
- Fundação do Grande Oriente Brasileiro – BA (pelas Lojas Virtude e Razão, Humanidade e União, tendo como Grão mestre Antônio Carlos Ribeiro de Andrade);

1814 – Fundação da Loja Patriotismo, em Recife, PE;

1815 – **Fundação da Loja Comercio e Artes, no RJ-RJ – Rito Adonhiramita com o propósito de fundar uma potência nacional e trabalhar pela emancipação da colônia.**

1816 – Fundação das Lojas Restauração, Pernambuco do Ocidente e Pernambuco do Oriente e Guatimozim, todas em PE.

1817 – Eclosão em Pernambuco de um movimento de emancipação com a participação de maçons (Revolução Pernambucana) mas logo dominado;

- proibição de funcionamento de Lojas Maçônicas;
- encerramento das atividades das Lojas Maçônicas e do Grande Oriente Brasileiro de Salvador.

1819 – Reinstalação da Loja Comércio e Artes (da Idade do Ouro), encabeçada pelo Cap. de Mar e Guerra José Domingues Ataíde Moncorvo, a qual juntam-se inúmeros maçons das Lojas adormecidas;

1822 – Fundação das Lojas União e Tranquilidade e Esperança de Niterói, estas do Rito Moderno, com obreiros oriundo da Loja Comércio e Artes, distribuídos por sorteio e residência.

- Fundação do Grande Oriente Brasília (17/06) adotando o Rito Moderno e tendo como Grão Mestre José Bonifácio de Andrade e Silva.

- assume o 2º Grão Mestre – D. Pedro

- encerramento das atividades do grande oriente Brasília por ordens de seu Grão Mestre. (rivalidade entre Bonifácio e Ledo)

1830 – Fundada a Loja Reunião Brasileira, 1ª loja do REAA;

- Renasce o movimento de reinstalação do grande oriente;

1831 – Instalação, no RJ, fundado no ano anterior, do G O Brasileiro, tendo como Grão Mestre o senador Nicolau Pereira de Campos Vergueiro (GO do Passeio)

- Em 23/11 as Lojas Educação Moral, Amor à Ordem e Comércio e Artes, reinstalam o Grande Oriente do Brasil, assumindo o grão mestrado José Bonifácio.

1832 – Reinstalação oficial do GOB, adotando o Rito Moderno, com todas as Lojas do mesmo rito, e a constituição aos moldes da constituição do Grande Oriente de França, redigida por Gonçalves Ledo.

- Francisco Jê Acaiaba de Montezuma, funda o Supremo Conselho e confere a José Bonifácio e toda a administração do GOB, o Grau 33;

1837 – Criado no GOB o Grande Colégio de Ritos, subordinados ao Grão Mestre que vigorou até 1855 quando houve a separação dos ritos.

1842 – Fusão do Grande Oriente do Passeio com o

Supremo Conselho de Montezuma.

1846 – Cisão no Grande Oriente Brasileiro, com dissidentes vindo para o GOB.

1852 – O Supremo Conselho, tendo como Soberano Grande Comendador Duque de Caxias, com os entendimentos mantidos é incorporado ao GOB.

1854 – Consolidada a fusão entre GOB e Supremo Conselho, o Grão Mestre do GOB passa a ser também o Grande Comendador.

1855 – Instalada, em Joinville, a Loja “A Amizade Alemã”, primeira Loja do Rito Schroeder no Brasil.

1863 – Cisão no Grande Oriente do Passeio em função de eleições, criando o “Grande Oriente do Vale dos Beneditinos”, por Saldanha Marinho, com o nome de Grande Oriente Unido do Brasil;

1864 – É extinto o Grande Oriente Brasileiro.

1883 – Fusão do GOB com o Grande Oriente Unido do Brasil;

1882 – Criação dos Grandes Orientes Estaduais de São Paulo e Bahia – GOB

1883 – Criação do Grande Oriente do Rio Grande do Sul – COMAB.

1927 – Cisão no Supremo Conselho, com a criação do Supremo Conselho do Gr 33, que, através de Cartas Constitutivas, acabou por formar as Grandes Lojas Estaduais. Este Supremo Conselho, dirigido por Mario Behring, conseguiu reconhecimento internacional. (Supremo Conselho de Jacaré Paguá)

1951 – Separação do GOB com as potências filosóficas;

1973 – Cisão no GOB formando os Grande Orientes Estaduais Independentes - COMAB

1991 – Criação do Sublime Grande Capítulo Adonhiramita.

COMPLEMENTOS

NOME HISTÓRICO

O Rito Adonhiramita, fiel às tradições seculares da Maçonaria, exige que todo candidato ao ser Consagrado Aprendiz Maçom, seja batizado com um “Nome Histórico”, nome pelo qual passará a ser identificado e tratado em Loja.

Irmãos provenientes de Lojas de outros ritos que não cultuam esse costume, ao serem filiados a uma Loja do Rito Adonhiramita será, obrigatoriamente, batizado com um Nome Histórico.

O Nome Histórico pelo qual passará a ser tratado, deve ser de livre aceitação, ou, preferencialmente, da escolha dele próprio. No caso de Iniciação, o Padrinho ao instruir seu afilhado sobre os procedimentos para a ocasião, deverá também tratar do Nome Histórico, fazendo o devido esclarecimento, orientando a forma de escolha do nome, evitando que recaia em nomes incompatíveis ou depreciativos para com a Instituição.

O Nome Histórico, também conhecido como Nome Simbólico, deve recair no nome de uma pessoa falecida, geralmente que tenha se notabilizado em qualquer área dignificante da atividade humana. São vultos históricos, personagens bíblicos, humanistas, cientistas, artistas, líderes políticos, etc, etc, que de uma forma ou de outra, tenham se

destacado, quer por seus trabalhos, procedimentos, condutas de vida ou buscas de objetivos, e que se tornaram exemplos às gerações posteriores.

Também, a escolha pode recair no nome de alguém que teve laços afetivos, familiares ou profissionais, servindo de paradigma a quem escolhe, sem nunca deixar de considerar a história de sua cidade e região, sempre rica em personagens nas mais variadas áreas.

É vetado nome de santos ou com sentido pejorativo, ou que, à critério da administração da Loja, não esteja de acordo com o seu sublime sentido.

O nome pode ser simples ou composto, e, é de bom alvitre, que numa mesma Loja não deve haver duplicidade de Nomes Históricos, mas caso não seja possível evitar, baseado na antiguidade, os nomes receberão a numeração romana de I, II, III, e assim por diante.

Uma boa orientação é fundamental para uma escolha apropriada do Nome Histórico. O importante é que ele seja do agrado e honrado por quem o adotar. Escolher um Nome Histórico é homenagear seu dono primário.

E, como boa geometria, cabe a quem escolheu e foi batizado, apresentar em Loja, um pequeno trabalho justificando sua escolha e enaltecendo o homenageado. É a forma não só de valorizar o nome escolhido como, se ele teve os méritos de ser escolhido, deverá ser honrado.

ALGUNS ACRÉSCIMOS RITUALÍSTICOS AO RITO

Quando afirmamos que o Rito Adonhiramita que nossas Lojas praticam nos dias de hoje mantém-se puro e fiel às origens, é a mais pura realidade.

O Rito Adonhiramita que praticamos atualmente é o mesmo idealizado e criado por Louis Guillemain de Saint- Vitor:

- o Adonhiram do rito, não é o mesmo personagem do Hiram Abif dos ritos hiramitas, já que tem um enfoque diferente em todo o conteúdo pragmático desse personagem;

- continua sendo um rito *“dedicado aos maçons*

instruídos” como bem frisou seu autor no ato da criação, sem dizer com isso que os maçons dos demais ritos não sejam instruídos, mas é uma exigência do rito para melhor compreenderem os ensinamentos de seu crescimento espiritual;

- Teísta por nascimento, assim permanece em nossos dias, mesmo ante das adversidades modernas, onde impera a descrença de Deus e reina o materialismo humano;

- se uma das pedras basilares que caracterizaram o novo rito foi a Fraternidade, hoje, tal virtude, continua sendo o cimento místico a unir os irmãos de Loja e do rito, permanecendo como uma das características do mesmo;

- ao ser estruturado seu arcabouço filosófico/doutrinário o autor concluiu que seu objetivo final, o aperfeiçoamento do maçom adonhiramita, na intensidade que o rito se propunha, seria conseguido em doze graus, sendo o último o grau de Cavaleiro Rosa Cruz. Hoje, mantém a mesma visão filosófica e o maçom adonhiramita é formado pelos doze graus do rito, recebendo ao final, se merecedor, o grau de Cavaleiro Noaquita, não mais de formação, mas de elucidação e cuja introdução na escala do rito já houve a devida abordagem.

Por outro lado, ao longo desses 325 anos de existência, o rito teve que acompanhar a evolução do pensamento e comportamento humano, sofrendo pequenas alterações de caráter ritualístico. Se a filosofia e os objetivos mantiverem-se inalterados, ou seja, preservou-se a Pureza e o seu *“modus operandis”* global, sua exteriorização foi enriquecida com a adoção de procedimentos, não existentes em seu nascedouro, mas que se afinaram tão bem, se encaixaram com tanta perfeição, que hoje se os retirássemos, estaríamos descaracterizando-o, e, quem sabe, condenando-o à extinção.

Convém ressaltar, que esses *“enxertos”* não são apanágios do Rito Adonhiramita, pois tal qual os Ritos Moderno, Escocês e os demais oriundos da mesma época, todos nasceram com maior simplicidade, pobreza ritualísticas e todos sofreram alterações adicionais.

Mas como nosso foco é o Rito Adonhiramita, quanto aos *“enxertos”* que hoje se constituem em características do rito, e, que assim devam permanecer, temos:

O PÁLIO

O Pálio era um procedimento exclusivo da maçonaria inglesa. Nela, faziam-se o cruzamento de bastões (dois bastões) por sobre a cabeça do candidato, por ocasião de sua iniciação.⁹ Essa prática, não foi adotada pela maçonaria francesa e conseqüentemente não veio para a maçonaria brasileira, toda originária da francesa. Mesmo depois de estabelecida a maçonaria em nossa terra, com a fundação, fusão, extinção de todos os Grandes Orientes do passado (Brasílico, do Passeio, Brasileiro, do Vale dos Beneditinos, do Brasil), permanecendo ao final apenas o Grande Oriente do Brasil, em nenhuma Loja maçônica era formado o Pálio¹⁰.

A cisão de 1927 com a criação das Grandes Lojas Estaduais, estas adotando apenas o rito Escocês Antigo e Aceito, tiveram que elaborar seus rituais para atender as Lojas da Grande Loja da Bahia, do Rio de Janeiro e de São Paulo, editados em 1928. Nesses, numa aproximação com a maçonaria norte americana, de origem inglesa, não só adotaram a cor azul para o rito (aventais e templos), como introduziram o tal cruzamento dos bastões pelos diáconos, ou seja, dois bastões, por ocasião da Abertura e Fechamento do Livro da Lei.¹¹

Estava introduzido o Pálio na maçonaria brasileira. Mais tarde, a Grande Loja do Rio de Janeiro, juntou o bastão do mestre de cerimônias ao dos diáconos, no que foi seguida pelas lojas das demais Grandes Lojas Estaduais.

Por ser um procedimento litúrgico/ritualístico agradável que dava mais pomposidade a um ato que por si só já assim o era, e dada à qualidade de “copiador”, inata no brasileiro, nos idos de 1960, mais precisamente em 1965, foi adotado pelo Grande Oriente do Brasil para as Lojas dos Ritos Adonhiramita,

⁹ Como lá não havia, e nem há atualmente a abertura do Livro da Lei, esse Pálio era formado ocasionalmente.

¹⁰ Os ritos praticados na ocasião eram o Moderno, o Adonhiramita e o Escocês Antigo e Aceito.

¹¹ Ver rituais da Grande Loja para o rito Escocês, ed. 1928.

Brasileiro e Escocês. Introduzido o Pálio no Rito Adonhiramita, nele foi mantido mesmo pelas lojas do rito, que na cisão de 1973 passaram a formar os Grandes Orientes Independentes, que por sinal, foi uma única Loja, a ARLS Januário Cortes, do Oriente de Florianópolis, pertencente ao Grande Oriente de Santa Catarina. E como o rito Adonhiramita não usa, nem usava bastões e nem tinha diáconos, o Pálio passou a ser feito com espadas e formado convidando irmãos mestres de cada coluna.

O irmão José Daniel em seu trabalho sobre o Rito Adonhiramita, diz que o Pálio é de inspiração militar sem qualquer origem maçônica, constituindo-se num procedimento de efeito cenográfico.

E que efeito cenográfico!

Agora, depois de mais de 50 anos de uso, há como retirar a formação do Pálio sem causar uma seqüela no rito?

Embora não seja uma tradição Adonhiramita, mas o tempo de convivência como um procedimento ritualístico o tornou um acréscimo permanente.

CERIMONIAL DA INCENSAÇÃO E DO FOGO

Quando foi criado o Rito Adonhiramita, jamais se pensou em tais cerimoniais. Ouso dizer que o autor Saint-Vitor nem conhecia de sua existência e nem mesmo se elas existiam.

O lançamento no Brasil em 1956 da tradução por Joaquim G de Figueiredo do livro de C. W. Leadbeater – A VIDA OCULTA NA MAÇONARIA – livro que em grande parte tratava da Comaçonaria¹², despertou, na época (1960/1970) e para

¹² É uma ordem maçônica mista internacional que admite mulheres em suas iniciações, praticando o Rito Escocês Antigo e Aceito, e segundo Joaquim G de Figueiredo, deriva da sucessão dos GGr .: Insp .: GGer .: do Gr .: 33 de certos membros pertencentes ao Supremo Conselho de França pelo Conde Grasse-Titty, em 1804. Seus membros tinham o desejo de verter em vasos maçônicos as águas do conhecimento esotérico. Estudam o “lado oculto das coisas” para poder melhor entender e desfrutar “destas coisas”, por exemplo,

quem conseguiu ter acesso ao mesmo, já que sua tiragem foi mínima, um grande “frisson” nos maçons esotéricos e voltados ao ocultismo. Seu conteúdo caiu no agrado do Grão Mestre do Grande Oriente do Brasil, adepto do esoterismo e ocultismo, Ir.º Álvaro Palmeira. Este, pretendendo revitalizar o rito Adonhiramita, em declínio e de possível extinção, nomeou uma comissão capitaneada pelo também esotérico, Ir.º Aylton de Menezes, para a revisão dos seus rituais, que, pinçando procedimentos dessa comaçonaria, os adaptaram para o Rito Adonhiramita, tornando-o mais místico, mais esotérico, mais pomposo.

O Cerimonial da Incensação e do Fogo, eram procedimentos da comaçonaria inglesa, na verdade, bem mais elaborado, mais complexo, mais burilado que simplificados, foram introduzidos no ritualismo adonhiramita na década de 1970, pelos rituais de 1969.

Hoje, ao lado da figura de Adonhiram, o Cerimonial da Incensação e do Fogo, são características do rito Adonhiramita . Enquanto que o primeiro se reveste da tradição do rito e a base de sua origem, os dois outros procedimentos, a quase meio século incorporados, deram uma nova roupagem ao rito, embelezando-o, mistificando-o. São momentos que fortalecem a Egrégora e reavivam o sentimento de Fraternidade, já que todos os irmãos presentes se unem ao Venerável Mestre e aos Vigilantes, em vontade e esforço, para juntos atraírem a Sabedoria, a Força e a Beleza Divina para o aperfeiçoamento de nosso Espírito.

Hoje, com finalidade informativa, colocamos como procedimentos não originais do rito e sem tradição adonhiramita,

estudar o lado oculto da vida cotidiana para aproveitá-la melhor no seu dia a dia; estudar o lado oculto da religião para melhor seguí-la, etc. Tenta desenvolver em seus membros, a capacidade do uso das faculdades supranormais e se valem os ensinamentos obtidos nos mistérios egípcios. É uma maçonaria, se assim podemos chamá-la, voltada totalmente ao ocultismo, onde a figura de Lúcifer, para nós o Demônio Chefe, para eles continua sendo o “mensageiro da luz”, que na realidade o era antes de ser decaído, conforme ensinamentos religiosos.

mas os maçons do rito, em uníssono, devem agradecer o enriquecimento que tais procedimentos trouxeram a ele.

Extirpá-los do rito? Jamais!.

O DISCUTÍVEL 13º GRAU

No dizer dos historiadores maçônicos modernos, inclusive José Castellani, o 13º grau do Rito Adonhiramita nasceu de uma interpretação errônea de Ragon, maçónólogo francês que ao se deparar com a existência do grau de Cavaleiro Prussiano, traduzido do alemão e inserido no final da 2ª parte do *Recueil Precieux de la Maçonnerie Adonhiramité – Rec.Prec. Maç. Adonh.* viu como o 13º grau do rito¹³, confusão esta que acabou dando ao rito Adonhiramita, efetivamente, mais um grau. Se esse foi realmente o motivo, Ragon prestou um desserviço ao rito e, porque não dizer, faltou-lhe um maior conhecimento do que escreveu.

Como afirmar tal coisa? Pelo simples estudo do *Recueil Precieux de La Maçonnerie Adonhiramité*, que, na certeza foi lido por Ragon, mas não com a devida atenção, pois se assim o fizesse não teria feito tal afirmação.

Vejamos: No *Recueil Precieux – 2ª parte*, no seu início, a título de introdução diz que

“contendo os três pontos da Maçonaria Escocesa, o Cavaleiro do Oriente e o verdadeiro Rosa Cruz, que nunca foram impressos, são precedidos pelos Três Eleitos e seguidos do Noaquita, traduzido do alemão”.

Ora, esta afirmação já não deixa dúvidas que o Cavaleiro Noaquita não é mais um grau do rito, mas a tradução de um grau alemão. Cabe, então, a pergunta do porque deste grau traduzido estar ali, junto com os demais graus adonhiramitas?

A resposta vai buscar estudando a 1ª parte de nossa

¹³ - Jose Castellani

fonte ou de nossa obra guia, o *Recueil Precieux*. Nessa parte, ao seu final, antecedendo aos vários cânticos¹⁴, estão relatos de violência contra maçons, liderada pelos padres dominicano Louis Greinemenn e capuchinho Schuff, insuflando, em seus sermões, o povo contra os maçons, e de uma carta contendo um desesperado pedido de ajuda por parte do venerável de uma loja maçônica alem de uma carta de Frederico II dirigida aos referidos padres na qual o Imperador vai em defesa dos maçons e se declarando como um deles.

E o que esses assuntos, esses transcritos, tinham a haver com a Maçonaria Adonhiramita para estarem inseridos numa publicação exclusiva para o detalhamento de seus graus?

Para a maçonaria adonhiramita nada, mas reflete, inegavelmente, o prestígio, a influência que Frederico II despertava entre os maçons de toda a Europa na época. Talvez fosse para mostrar o “clima” da ocasião, o ataque à maçonaria por parte de padres fanáticos, que não eram poucos e que persistem em nossos dias, a grandeza de um Imperador. É interessante se notar que todos esses episódios foram contemporâneos: surgimento da maçonaria adonhiramita (1771-1774) e a defesa dos maçons por parte de Frederico (1778-1779). Como naquela época os acontecimentos não corriam em tempo real, como hoje, pode-se afirmar que esses fatos ocorreram na mesma ocasião e Guillemann Saint Victor se aproveitou de sua obra para prestar uma homenagem, um reconhecimento ao Imperador Frederico. Não seria um “marketing” político de seu rito?

E dentro desta mesma linha de raciocínio e sem qualquer contestação, no momento, por parte de qualquer estudioso do rito, a título de homenagem, agrado, reconhecimento ou outro adjetivo correlato, foi inserido o grau de Cavaleiro Noaquita ao final da 2ª parte da obra.

Segundo alguns historiadores a inserção desse grau

¹⁴ - naquela época era comum, aos maçons, entoarem cânticos durante as sessões, inclusive nas lojas de mesa, provavelmente à moda dos ofícios religiosos.

foi a título de curiosidade, com o que não concordamos. Estudando o grau de Cavaleiro Noaquita ve-se que sua inserção foi intencional e com outros propósitos, menos “a *título de curiosidade*”.

É importante que se registre que a observação feita pelo autor sobre o grau de Cavaleiro Rosa Cruz foi explícito e incisivo ao afirmar que “*ainda que esse grau seja o NEC PLUS ULTRA da maçonaria e que quando se tem este grau tenha-se o direito de assistir a todos os outros...*”¹⁵.

não deixa a mínima dúvida que o grau 12 – Cavaleiro Rosa Cruz é o último do rito e a maçonaria adonhiramita se encerra ali.

Agora já não temos mais dúvidas que o Noaquita não é um grau do rito, mas a tradução de um grau alemão. Mas por que sua colocação ao final da 2ª parte, logo após o grau de Cavaleiro Rosa Cruz?

Pelo visto é inconcebível que o autor deste rito, feito tais observações, fosse inserir mais um grau, o então 13º, após o grau de Rosa Cruz. Como não podemos admitir um erro desses por parte de Saint Victor, temos que admitir que foi um erro muito primário por parte de Ragon.

Mas como justificar a inserção desse grau Noaquita junto aos graus da Maçonaria Adonhiramita?

O Cavaleiro Noaquita ou Cavaleiro Prussiano, não era apenas um grau de um rito qualquer. Era, por si só, um rito. Sua origem, a Prússia, então país governado por Frederico II e consta que seus estatutos eram guardados pelo próprio Imperador.

Essa ordem ou essa maçonaria, não recebia em seus quadros, ninguém que não tivesse o grau de Cavaleiro, e, suas Lojas fora da Prússia só recebiam Cavaleiros Rosa Cruz se fossem “*filhos de adonhiram*”.

Como este grau era praticado na França por prussianos que moravam naquele país, tendo por seu delegado BERAGE, o autor da tradução do ritual do alemão

¹⁵ - in Rec.Prec.Maç.Adonh.

para o francês, a sua publicação junto aos graus adonhiramitas foi à título de orientar que os Cavaleiros Rosa Cruz Adonhiramita, poderiam ser aceitos em uma outra maçonaria, ou seja, um privilégio.

Uma não completava a outra; eram distintas e tinham histórias próprias.

É também verdade que a Maçonaria Adonhiramita, na Europa, nunca teve o grau 13º, como também nunca teve nos primórdios da maçonaria brasileira, inclusive, mesmo após a criação do Grande Oriente do Brasil, pois em 1836, foram impressos os primeiros rituais brasileiros para as Lojas Adonhiramitas, constando de uma coletânea denominada de “Coleção Preciosa da Maçonaria Adonhiramita”, contendo os rituais de todos os graus e esses eram em número de doze, terminando no grau de Cavaleiro Rosa Cruz. O grau de Cavaleiro Noaquita, só veio ser mais um grau Adonhiramita aqui no Brasil, e, quase cem anos após a criação do rito – coisas de brasileiro! Mas isso já é outra história para ser contada a seguir.

NASCE O 13º GRAU ADONHIRAMITA NO BRASIL

No artigo que defendemos não ter o Rito Adonhiramita, no seu original, 13 graus e sim 12, e os motivos que levaram a Guilleman de Saint Victor a incluir o grau de Cavaleiro Noaquita ou Cavaleiro Prussiano no final da segunda parte da Coleção Preciosa da Maçonaria Adonhiramita, chamando especial atenção que aquele grau de Cavaleiro se constituía num rito alemão de um único grau, com uma Loja na França e que tinha em Berage, o responsável pelo rito na França, tendo inclusive traduzido o ritual do alemão para o francês.

Sua inclusão na sequência dos graus Adonhiramita, vindo ao final, não tinha outra razão, senão avisar aos Cavaleiros Rosa Cruz, que, se desejassem poderiam ser aceitos no grau de Cavaleiro Prussiano. Era uma prerrogativa, já que tal grau, em sua essência, tinha o propósito de reunir todos os Cavaleiros Rosa Cruz errantes pelas planícies prussianas. Era por assim dizer, um grau ecumênico.

Só que tal ecumenismo nunca foi considerado ou

reclamado na Europa (França e Portugal) onde o Rito Adonhiramita foi praticado, e mantido sua originalidade de 12 graus. Foi Ragon, em sua "*Orthodoxie Maçonnique*" que, dentre os muitos erros nela contidos, está a rotulação do Grau de Cavaleiro Prussiano como o 13º do Rito Adonhiramita.

Já no Brasil, a história toma outros parâmetros. Sabemos que desde o início da implantação da maçonaria em nossa terra, nos idos de 1800, numa seqüência de lojas efêmeras até a implantação das mais consistentes, a partir de 1815 com a Loja Comércio e Artes, somente dois ritos eram praticados: o Adonhiramita pelas Lojas ligadas ao Grande Oriente Lusitano e o Moderno, pelas Lojas ligadas à maçonaria francesa, e, que tais ritos, especialmente o Moderno teve seu auge na década de 1830/1840.

Em 1831, chega no Brasil, o Rito Escocês Antigo e Aceito – o REAA - com a regularização da Loja Educação e Moral, fundada por Gonçalves Ledo em 1829, e no mesmo ano já funda o seu Supremo Conselho. As Lojas do Rito Adonhiramita e Moderno só conseguiram montar sua Oficina Chefe, 10 anos mais tarde, quando se juntaram e fundaram o GRANDE CAPÍTULO DOS RITOS AZUIS¹⁶, isso em 1842. Mas como o anseio dos maçons adonhiramitas era ter seu Grande Capítulo específico, passaram a trabalhar na sua organização. Como o Grande Capítulo existente só podia conferir graus até o de Cavaleiro Rosa Cruz (12º do Adonhiramita e 7º do Moderno), foram buscar o privilégio e a disponibilidade do grau de Cavaleiro Noaquita ou Prussiano para os maçons adonhiramitas e estruturaram um Grande Capítulo de Cavaleiros Noaquitas, com todos os seus integrantes iniciados nesse grau, inclusive os Sapientíssimos das Lojas Capitulares. Para ratificar esse intento, conseguiram inserir um artigo na Constituição do Grande Capítulo dos Ritos Azuis, atribuindo ao Supremo Conselho do Rito Escocês, a competência de conferir o 13º grau

¹⁶ A denominação de Ritos Azuis deve-se a cor azul de seus aventais e as pinturas das paredes internas de suas Lojas que eram desta cor, ao passo que a cor vermelha que ornava os aventais e o interior dos templos escoceses deram a este rito a denominação de Rito Vermelho.

Adonhiramita, baseado no seu 21º grau¹⁷. E assim, em 03 de outubro de 1872 com a existência de mais de 23 maçons adonhiramitas detentores do grau de Cavaleiro Noaquita, foi realizada a eleição diretiva para o Grande Capítulo dos Cavaleiros Noaquita que seria instalado somente em abril do ano seguinte (1873), pelo Decreto 21 do Grande Oriente do Brasil, com total independência litúrgica, governando todos os altos graus adonhiramitas – do 4º ao 13º, e, se desligando do Grande Capítulo dos Ritos Azuis.

Eis como e porque nasceu o 13º grau no Rito Adonhiramita.

A SUA PSEUDA GLOBALIZAÇÃO

É muito comum lermos ou ouvirmos dizer que o Rito Adonhiramita após sua criação, em 1781, por Louis Guilleman de Saint Victor, com a publicação do “*Recueil Precieux de la Maçonnerie Adonhiramité*”, ou apenas, “*Maçonnerie Adonhiramité*”, teve grande aceitação na França, espalhando-se por quase toda a Europa, inclusive Portugal, e, desses países para suas colônias, inclusive o Brasil.

Tal citação é meia verdade ou uma verdade por demais exagerada. É, como costumamos dizer, uma patriotada. Estudando a história da maçonaria nos diversos países, excetuando Portugal e França, não vemos a menor citação da prática do Rito Adonhiramita nesses países. A Maçonaria Adonhiramita, após sua criação, foi efetivamente praticada na França, sem sabermos ao certo em que proporção, mas nunca chegou a ser um rito dominante, já que o Rito Francês, mais antigo, teve a aceitação e predomínio, e, já em 1786, logo após a criação do Rito Adonhiramita, era o rito oficial do GOF. Da França, a Maçonaria Adonhiramita passou para Portugal, quer trazido por franceses que tinham negócios em Portugal, quer pelo pessoal da embaixada, quer, principalmente, pelos estudantes

¹⁷ Art 58 – Enquanto os maçons do rito Adonhiramita não puderem formar o seu capítulo de Cavaleiros Noaquita ou Prussiano, este respectivo grau será conferido pelo Supremo Conselho do Rito Escocês.

que iam para as universidades francesas e lá eram iniciados.

Podemos afirmar com toda a certeza, baseado na história da maçonaria portuguesa, que, o Rito Adonhiramita começou a ser praticado naquele país e em suas colônias, já nos derradeiros anos do século XVIII, e, que por seu pseudo apelo espiritual, caiu no gosto daquele povo tendo grande aceitação, passando inclusive a ser o seu rito de exportação para suas colônias até os primeiros anos do século seguinte. As primeiras lojas no Brasil Colônia, fundadas por portugueses, foram adonhiramitas. A entrada do Rito Francês acompanhando a expansão política e militar da França já nos primeiros dias do séc XIX, veio concorrer com o Rito Adonhiramita, até porque não era difícil a equivalência entre ambos facilitando a passagem de um para o outro.¹ A perda de fôlego do Rito Adonhiramita em detrimento do Rito Francês, e, dada a influência do GOF junto ao GOL, além do agrado que todos os países europeus dedicavam a França naquela ocasião, fez com que em 1806, o Rito Francês fosse adotado como o rito oficial do Grande Oriente Lusitano, iniciando a decadência do Rito Adonhiramita.

A tomada de posição desses dois Grandes Orientes em adotar o Rito Francês como seu rito oficial, marca o declínio da Maçonaria Adonhiramita em suas regiões até seu total desaparecimento.

No Brasil também não foi diferente. No início, Lojas Adonhiramitas, depois, Lojas do Rito Francês, sem falar nas Lojas de origem inglesa que sempre foram do Rito de York e continuam até nossos dias.

Enquanto a principal Loja maçônica da maçonaria brasileira, em seu período perene, a Comércio e Artes era do Rito Adonhiramita, as que saíram de seu seio, para juntas formarem o Grande Oriente Brasílico, adotaram o Rito Francês, rito esse que foi, também, adotado pela novel potência.

Isto foi para sabermos que o nosso Rito Adonhiramita nunca teve aquela propalada expansão mundial que muitos ainda apregoam, até como uma forma de externar seu amor ao rito. Mesmo sem a expansão que gostaríamos que tivesse tido, não o

torna menor nem menos importante. Somos adonhiramitas e só temos motivos para nos orgulhar de nosso rito.

Hoje, para termos uma melhor compreensão da evolução dos ritos maçônicos, os Ritos Escocês, Francês e Adonhiramita, todos franceses, partiram de uma estrutura em comum que era o rito de Heredon, e, cada um recebeu o tempero de seu autor, permanecendo muito semelhantes entre si. As diferenças, hoje existentes, foram acrescidas ao longo do tempo pelos “donos” do rito. O Rito Adonhiramita e o Francês eram tão parecidos que o regulador de um rito servia para o outro e ambos eram denominados de “ritos azuis”.

O FUNDADOR DO RITO

Lembro-me, quando pequeno, os primeiros ensinamentos que me passaram sobre História do Brasil foi que o descobrimento de nosso país deveu-se a um afastamento excessivo da esquadra de Cabral das costas da África. Era a tese da “casualidade”. A tese da “intencionalidade” que mais tarde veio prevalecer, não só mostrou a verdadeira causa do descobrimento, como sepultou a anterior, que por mais absurda, sempre tinha defensor. Essa visão diferente de um mesmo fato foi fruto de estudos, pesquisas e análises documentais referentes ao caso, e nunca mais se falou em “casualidade”, por sinal um disparate.

Com a autoria do Rito Adonhiramita, deu-se um caso idêntico, mas com desfecho diferente, ou seja, nominado erroneamente um autor do rito, mesmo após a demonstração, esse engano constantemente é citado como verdadeiro, sem comprovação alguma e contra todas as evidências dos fatos, conforme demonstraremos a seguir.

O séc XVIII, a partir da fundação da Grande Loja de Londres em 1717, mais precisamente na sua segunda metade, foi o “século das luzes” para a maçonaria. Era “chique” ser

franco-maçom, dava “status” pertencer a franco-maçonaria. A produção literária maçônica era abundante como eram numerosos os maçônólogos. Todo esse fervilhar estava voltado à criação de novos sistemas e ritos maçônicos, em desvendar e criar lendas e mistérios. Com o registro histórico do momento da Instituição não havia preocupação, fato comum para a época. Na geração seguinte de maçônólogos surge RAGON (João Maria – 1781-1862), um dos escritores mais distintos e notáveis de seu tempo, embora ultrapassado em muitas particularidades, principalmente no tocante ao Rito Adonhiramita. Apesar das inúmeras inexactidões em sua obra, sua influência perdurou por todo o séc XX, e, tudo faz prever que, por muito tempo, continuará a influenciar as gerações de maçons, já que sua “*Orthodoxie Maçonnique*” publicada em 1853, contendo informações históricas e que devida as inúmeras incorreções existentes deixou de ser reeditada, reaparece numa edição de luxo para os bibliófilos e que certamente servirá, também, para os inúmeros “copiadores” que se encarregarão de manter vivo os erros.

E foi RAGON, nessas inexactidões históricas, que além de atribuir um inexistente 13º grau ao Rito Adonhiramita, que com o tempo passou a existir¹, também, erroneamente, atribuiu a autoria do rito ao Barão de Tschoudy (Theodore Henry – 1720-1769).

Em razão dessas informações, as primeiras considerações históricas sobre o Rito Adonhiramita no Brasil, em especial no seio do Grande Oriente do Brasil, foi atribuída a autoria do rito ao Barão de Tschoudy, conforme RAGON. Isso bastou para que, até hoje, essa Potência e alguns maçônólogos ligados a ela, ainda persistam com a referida autoria, a despeito de toda a farta comprovação em contrário. Essa intransigência, de não aceitar a história verdadeira e continuar a difundir uma história enganosa, que embora em determinado tempo era tida como a correta, consegue contaminar, ainda, alguns maçons mais novos que assimilam só o que lêem pela primeira vez, adotando como verdade. É uma pena que isso aconteça nos dias de hoje, onde proliferam as obras corretas sobre o assunto e multiplicam-se os estudiosos responsáveis.

É uma pena que exista, ainda, quem acredite ser o

Barão de Tschoudy o autor do Rito Adonhiramita apesar dos esforços do historiador e enciclopedista MACKEY¹, do nosso maçónologo e grande escritor NICOLA ASLAN, do grande pesquisador, escritor, historiador, simbolista e ritualista maçônico JOSÉ CASTELLANI e tantos outros que não só demonstraram a impossibilidade da autoria do rito ao Barão de Tschoudy, como provaram o erro de RAGON e comprovaram ter sido o rito de autoria do francês LOUIS GUILLEMAIN DE SAINT VICTOR, autor do **Recueil Précieux de la Maçonnerie Adonhiramité**, cuja obra é o próprio Rito Adonhiramita.

Esta obra composta de dois volumes é, na sua essência, uma adaptação e compilação sucessiva de graus, já conhecidos na época, do 1º ao 12º, que no todo, forma um sistema maçônico completo, daí o rito ser, também, conhecido como Maçonaria Adonhiramita.

O primeiro volume ou primeira parte, engloba os quatros primeiros graus¹ com seus respectivos catecismos. Foi composta em 1781 e publicada em 1782, tendo seu autor feito nova impressão em 1787, na qual inseriu ao final, algumas correspondências, dentre delas uma de Frederico da Prússia e várias canções maçônicas, já que na ocasião era comum o cântico durante as sessões.

O segundo volume ou segunda parte – Perfeição, contem os demais graus com seus respectivos catecismos, até o 12º, este, no dizer do autor, ser o “*verdadeiro Rosa Cruz*” e o “*Nec Plus Ultra*” do rito. Fechando este volume, está inserido um grau independente que por si só consistia num sistema a parte, que é o grau de Cavaleiro Noaquita ou Prussiano, e sobre este fato se expressou o autor: “*seguido do Noaquita ou Cavaleiro Prussiano, traduzido do alemão*”. Foi publicada inicialmente em 1875 e com nova impressão em 1787. Essa edição de 1787 tem a seguinte advertência do autor: “*Quando mandei imprimir minha Compilação Preciosa da Maçonaria Adonhiramita, em 1781, anunciei a história da ordem. Seis anos de reflexão provaram-me que apresentar a origem da maçonaria seria infinitamente mais interessante*”.

Essas edições com suas respectivas datas e comentários inclusos, simplesmente retiram a possibilidade da autoria de Tschoudy que faleceu em 1769 (12 anos antes).

Se a edição de 1781 foi mandada republicar pelo autor em 1787, “após reflexões” é sinal que estava vivo entre uma edição e outra, época em Tschoudy, de a muito, havia falecido.

As “correspondências” inclusas na primeira parte são cartas datadas de 1778 e 1779, ou seja, escritas 10 anos após a morte de Tschoudy. Isto derruba qualquer possibilidade de Tschoudy ter elaborado e guardado a obra que só foi publicada anos mais tarde. Como ele iria inserir em sua obra coisas que ainda iriam acontecer.

Apesar de todas estas evidências, ainda encontramos maçons renitentes que não querendo reconhecer o engano, ou reconhecendo, não querem admiti-lo “in totum”. Alegam, alguns, que Guillemain de Saint - Victor foi apenas o autor de uma parte e Tschoudy da outra parte. Eis uma alegação das mais ridículas. É só ler ambas as partes para constatar, inequivocamente, que quem fez uma, fez a outra. É o mesmíssimo estilo e disposição, além de uma correta seqüência de graus, típica de obras feita a duas e não a quatro mãos.

Assim, Amados Irmãos, com este trabalho não queremos obrigar a ninguém que aceite a autoria do Rito Adonhiramita como sendo deste ou daquele autor. Procuramos demonstrar, por evidências e fatos lógicos, quem é o verdadeiro e inquestionável autor. Se houve erro de avaliação no passado, as pesquisas e estudos recentes vieram trazer a verdade ao presente. Fiquemos, pois, com a verdade, com os fatos, com a lógica e isso tudo indica que o autor da Coleção Preciosa da Maçonaria Adonhiramita e, por conseqüente, do Rito Adonhiramita foi **LOUIS GUILLEMAIN DE SAINT-VICTOR**.

SÃO JOÃO DE JERUSALÉM

O PATRONO DA MAÇONARIA ADONHIRAMITA?

A Maçonaria Adonhiramita, ou melhor, o Rito Adonhiramita, em seus graus simbólicos sempre teve em SÃO JOÃO DE JERUSALÉM o seu Patrono ou santo Padroeiro.

Retornando ao tempo, apenas o suficiente para algumas considerações sobre o assunto em questão, ou melhor, tomando por base quando o rito passou a ser praticado no Or.: de Santa Catarina, através da Loja Januário Corte, ainda na primeira metade do século passado. Nessa época, embora havendo a obrigatoriedade da presença do L.: da L.: para a realização de uma Sessão, ele não era aberto nem se fazia leitura de versículo algum. A Loja era aberta pelo Ven.: com os seguintes dizeres:

“Em nome de Deus e de São João de Jerusalém, nosso protetor, está aberta a Loja de Aprendiz Maçom (ou Companheiro ou Mestre) sob o título distintivo de Loja Simbólica.....”

Esta fórmula não era exclusiva da Loja acima citada, pois já nos idos de 1800 quando a simplicidade do ritual da Coleção Preciosa da Maçonaria Adonhiramita foi substituído por rituais mais elaborados e completos (1846 e 1896) já apareciam os mesmos dizeres, ou seja, invocava-se Deus e São João de Jerusalém.

Embora fosse temerário um Ven.: declarar ***“Em nome de Deus e de São João de Jerusalém”*** sem ter a devida procuração de ambos para falar em seus nomes, mas vemos em SÃO JOÃO DE JERUSALÉM o protetor das Lojas Simbólicas Adonhiramitas.

Avançando mais no tempo, ao final dos anos 60, do século passado, as lojas maçônicas passaram a abrir o L.: da L.: exceto às do rito Moderno, cuja abertura era acompanhada da leitura de um trecho bíblico, e o Rito Adonhiramita, no grau de Apr.: que é o grau básico e representativo, adotou a leitura, pelo Ir.: Orad.:, do evangelho de São João, (São João, o

Evangelista) vv 6 a 9 do cap I, cujos versículos se referem a São João Batista, o Precursor. Ato contínuo, o Ven.: ainda sem ter recebido as devidas “procurações”, mesmo assim declarava:

“Em **nome** de Deus e de São João de Jerusalém, nosso Patrono, está aberta a Loja Simbólica.....”

De lá para cá pouca coisa mudou. Os VVen.: mais ciosos em suas falas normalmente não declaram, ou não deviam declarar “*Em **nome** de Deus ou do G.: A.: D.: U e de São João de Jerusalém*” mas **invocando** a Eles. SÃO JOÃO DE JERUSALÉM, contudo, continua sendo o Patrono.

O que até então aceitávamos tacitamente e sem qualquer questionamento, à medida que passamos a conhecer melhor o Rito, passamos também a analisá-lo com um espírito mais crítico e questionador, como no caso de seu Patrono.

Todos os estudos, bem como todos os maçonólogos atribuem serem as Lojas Maçônicas Simbólicas como “*Lojas de São João*”. Também é de aceitação unânime que existem dois SÃO JOÃO, Padroeiros da Maçonaria, representados por duas paralelas tangenciando um círculo. São, SÃO JOÃO BATISTA, cuja data comemorativa é 24 de junho, e, SÃO JOÃO EVANGELISTA, comemorado em 27 de dezembro, datas essas que estão a lembrar ser a Maçonaria um Rito Solar, já que ambas são as datas solsticiais e comemoradas muito antes de serem datas Joaninas.¹

POR QUE PATRONO OU PADROEIRO?

Sabemos que a maçonaria nasceu cristã, à sombra do cristianismo, sob sua proteção e sustento. Era o ambiente do domínio da Igreja Católica Apostólica Romana, na sua fase áurea de poderio espiritual e temporal ou religioso e político. Nessa época os santos eram verdadeiramente venerados e respeitados. Cada província, cada ducado, cada condado, cada burgo, adotava um santo como benfeitor ou padroeiro, assim como as associações profissionais. Cada guilda tinha um Santo protetor que era venerado num santuário particular. E, com a Maçonaria, não podia ter sido diferente, até por ser formada por

operários ligados, na sua esmagadora maioria, à Igreja Católica, para a qual trabalhavam, construindo suas catedrais, capelas, conventos, monastérios, etc.

Tudo indica ter sido São João Evangelista o primeiro patrono da Maçonaria. Baseia-se no fato comprovado de terem os monges Beneditinos, levado para os trabalhos religiosos de uma Loja maçônica, um manuscrito do Evangelho de São João, o qual passou a ser lido durante as reuniões. Só que como a fundação da Grande Loja de Londres ter acontecido, propositadamente, no dia de São João Batista, este foi agregado também aos Santos da Maçonaria e sua data foi mais propícia a ser comemorada, o que, com o tempo, o transformou em seu Padroeiro principal.

Há uma unanimidade em Maçonaria que suas lojas maçônicas simbólicas são dedicadas a São João, o “Batista” e o “Evangelista”, embora exista uma predominância do “Batista” sobre o “Evangelista” que o torna o santo preferido da Maçonaria. Exclui-se como Lojas de São João às do rito Moderno por se julgarem praticantes de um rito Agnóstico e em se denominando Lojas de São João, as reportariam ao cristianismo.

E O SÃO JOÃO DE JERUSALÉM ?

Ainda que a Igreja Católica cultue 26 santos denominados de São João, a maioria de registro recente na história, nenhum deles é identificado como SÃO JOÃO DE JERUSALÉM, que a Maçonaria Adonhiramita honra em seus trabalhos, na abertura e fechamento de suas sessões, e o considerando seu Patrono.

Os caminhos até então trilhados pelos estudiosos foi o de tentar associar o SÃO JOÃO DE JERUSALEM, inexistente, com um outro São João que efetivamente tenha existido e santificado, figurando no quadro hialógico da Igreja. Para essa associação o São João Esmoler foi o preferido, ficando estabelecido, por alguns estudiosos, que o SÃO JOÃO DE JERUSALÉM seria na verdade, o São João Esmoler.

Mas, julgando tal solução muito simplista e “santo

quando vê muita esmola desconfia”, partimos por outro caminho.

Lembram da pergunta inicial de nosso T.:

- *De onde vindes?*

R: De uma Loj. de S. J.

No catecismo do Apr. constante no *Recueil Précieux de la Maçonnerie Adonhiramité*, a primeira pergunta é exatamente esta:

-*Mon frère, d'on venez vous?* (Meu irmão, de onde vindes?)

R – *Très vénérable, de la loge de S. Jean.* (Venerabilíssimo, de uma Loja de S. J.)

Ambas as perguntas, que são as mesmas, obviamente têm as mesmas respostas, mas um tanto vagas: “De uma Loja de S. J.”. De qual S. J.? Já que naquela época haviam muitos “São João”. Parece que *Guillemain de Saint-Victor* já prevendo tal dúvida, a elucida com uma clara explicação. Diz *Guillemain* em explicação constante no “*Recueil*”:

“Esperando que a História da Maçonaria, que vou publicar brevemente, persuada muitos Irmãos, pouco instruídos, de que esta pergunta deve ser a primeira de seu catecismo, creio ter que assegurar-lhes que a Maçonaria não é outra coisa senão o símbolo de toda a natureza; que sua moral é a homenagem que se deve prestar ao Criador do universo e que, entre nós, esta homenagem é praticar as virtudes e sobretudo praticar a nossa religião; e que, nos primeiros tempos do Cristianismo, apenas se faziam prosélitos após tê-los batizados. Quando esses recém iniciados vinham à Loja, faziam-lhes a pergunta em questão, esperando que sua resposta (Venho da Loja de São João) queira dizer, expressamente, acabo de purificar-me pelas águas do Batismo. Ninguém ignora que tenha sido São João que instituiu esse sacramento; assim, não é justo eu a primeira pergunta sobre os deveres de uma Ordem seja baseado na primeira ação que esta Ordem exige? Mas, enfim, quando alguns Maçons quiserem duvidar desta verdade, não seria natural também perguntar a alguém que chega à Loja, de onde vem, quando se está de acordo em que é apenas na Loja

que se aprende a pratica das virtudes e a grande arte de vencer as paixões?

A explicação apresentada é cristalina e sem margem à dúvidas. A “Loja de São João”, referida no Rito Adonhiramita é em homenagem a SÃO JOÃO – O BATISTA, O PRECURSOR, aquele que batizou Jesus e que, por suas intransigências nas denúncias de concubinato, em defesa da moral e do bom costume, acabou por ter sua cabeça decepada e colocada sobre uma bandeja, cujo fato o próprio rito faz uma alusão através da “Câmara Ardente”, por ocasião da Iniciação. Fica assim claro que o Patrono do Rito Adonhiramita é SÃO JOÃO BATISTA, desde a criação do rito conforme seu próprio criador.

Mas, se alguma dúvida ainda ficou, vamos para o catecismo seguinte do mesmo “*Recueil*”:

-A qui étoit dédiée la loge ou vous a avez été reçu ?

(A quem está dedicada a Loja onde fostes vos recebido?)

R –A S. Jean-Baptiste.

(dispensa tradução)

Sem mais comentários.

E como apareceu o SÃO JOÃO DE JERUSALÉM?

Para esta resposta vou me valer dos rituais adonhiramitas editados pelo Grande Oriente do Brasil onde encontramos:

“Consta que nos tempos das guerras na Palestina, cavaleiros maçons uniram-se aos Cavaleiros de São João de Jerusalém para, unidos, melhor combaterem os infiéis. E como eles, sob a proteção desse Santo saíram vitoriosos, acertaram que no futuro todas as Lojas lhe seriam dedicadas.

Cabe agora esclarecer o motivo da denominação de “Cavaleiros de São João de Jerusalém”, já sabendo não existir tal santo na Igreja.

Pelas pesquisas verifica-se ser uma citação feita de forma inapropriada. Na verdade, trata-se da mais antiga das ordens, estabelecida logo depois da fundação do reino de Jerusalém e chamada de Ordem dos Cavaleiros de São João de Jerusalém, ou, mais precisamente, uma Ordem de cavalaria dedicada a São João Batista, em Jerusalém, para auxiliarem os

peregrinos em visita à Terra Santa. Portanto, a denominação Ordem dos Cavaleiros de São João de Jerusalém deveu-se ao fato de ser a “Ordem dos Cavaleiros de São João” dedicada a São João Batista, e a complementação “de Jerusalém” é o indicativo do local onde a Instituição foi criada e estabelecida, no Reino de Jerusalém. Posteriormente, essa Ordem dos Cavaleiros de São João de Jerusalém deu origem à Ordem dos Cavaleiros de Malta, ainda existente. E a esses cavaleiros da Soberana Ordem Militar de Malta, o falecido Papa João Paulo II, em 24.01.99, dirigiu as seguintes palavras, dentre outras, quando reunidos na basílica de São Pedro:

Caríssimos Irmãos e Irmãs,

Por ocasião da solenidade de São João Batista, vosso santo Padroeiro, quisestes reunir-vos para uma solene celebração na basílica de São Pedro. Apresento as minhas boas vindas a cada um de vós e saúdo a inteira Ordem dos Cavaleiros de São João de Jerusalém, chamada Soberana Ordem Militar de Malta, que nestes dias celebrou o próprio Capítulo Geral.”

Como essa Ordem, tudo indica ser a origem das origens, ou seja, a Ordem de São João, ela foi fundada em Jerusalém em 1070, 25 anos antes da primeira cruzada, por mercadores italianos com a finalidade de proteger os peregrinos, mas foi constituída oficialmente só em 1100, quando assumiu seu primeiro Grão Mestre, Gerard de Tom. Como teve origem num hospital, também ficou conhecida como Ordem dos Hospitalários, sem característica militar, só se militarizando em 1126 quando passou a se denominar de ORDEM DOS CAVALEIROS HOSPITALÁRIOS DE SÃO JOÃO DE JERUSALÉM. Tornou-se um dos maiores poderes militares e econômicos de seu tempo, a exemplo dos Templários, e sempre se mantiveram fiéis à Igreja Católica. Em 1834 passaram a adotar o nome de como são hoje conhecidos, ORDEM DOS CAVALEIROS DE MALTA ou ORDEM DA CRUZ DE MALTA, nome assim adotado para distinguirem-se de outras ordens de São João não católicas.

O famoso discurso de André Ramsey feito na Loja de São João e que, segundo muitos autores abalizados, foi o ponto

fundamental para o desenvolvimento do R.: E.: A.: A.:, embora tido como polêmico, principalmente no que tange “as origens da maçonaria”, tem o nosso interesse despertado para a seguinte passagem:

*“..... .Algun tempo, depois nossa ordem se uniu intimamente com os Cavaleiros de São João de Jerusalém. Desde então, nossas Lojas passaram a ter, todas, o nome de **Lojas de São João.**”*

Deixando como consideração final, o primeiro ritual da Coleção Preciosa da Maçonaria Adonhiramita, traduzido para o português e editado no Brasil em 1836, na pg 10 do 2º grau, dentre outras, está esta pergunta:

A quem era dedicada a Loja onde fostes recebido?

Resposta: **A S. João Baptista.**

Mesmo assim e sem saber o motivo, os rituais elaborados e impressos à posterior, o S. João Baptista foi ignorado, surgindo o tal “S. João de Jerusalém”. A própria tradução dessa mesma Coleção Preciosa, feita em 1989, pela Loja maçônica Gilvan Barbosa da Paraíba, a mesma pergunta comentada no parágrafo acima, tem como resposta: *A São João de Jerusalém*. De onde buscaram o “de Jerusalém” é que não sabemos, mas, como “o uso do cachimbo faz a boca torta”, certamente foi adaptação ao nome da época, desprezando a tradução.

Estas explicações foram à título de conhecimento, porque na prática, continuaremos com o nosso “São João de Jerusalém”.

A LIVRE MAÇONARIA ADONHIRAMITA

A enciclopédia da LIVRE MAÇONARIA (Encyclopedia of Freemasonry) de Albert G Mackey foi e é leitura obrigatória não só de todo o maçónólogo, como do simples estudioso de maçonaria, e até ao mero interessado em conhecer algum tópico desse assunto. Interpretações de suas escritas ou cópias integrais, de suas colocações, recheiam inúmeros livros e

trabalhos maçônicos, conferindo-os a credibilidade desse escritor e enciclopedista, beirando a uma espécie de “Roma locuta, finita est”. Ninguém que queira conhecer um pouco da Maçonaria Adonhiramita ou de Adonhiram poderá deixar de ler esse verbete dessa Enciclopédia, que, infelizmente, não a temos traduzida para nosso idioma.

Para preencher esta lacuna e atender aos anseios dos maçons adonhiramita, nos veio, através das comunicações virtuais do CCCPM, o original em inglês da parte que trata da Livre Maçonaria Adonhiramita e do personagem Adonhiram. Procedida à tradução e devida adaptação, para uma perfeita compreensão, eis o seu conteúdo, sem omissão, enxerto ou deturpação.

Amados Irmãos, conheçam o que Mackey escreveu sobre a Livre Maçonaria Adonhiramita e sobre Adonhiram. Que sirva a todos para um melhor conhecimento e entendimento do nosso Rito, além de se descobrir que muitos considerados “doutores” no assunto, nada mais fizeram que repetir ou copiar o que Mackey escreveu.

E, quem foi Mackey?

Albert Gallatin Mackey (1807-1881), foi um médico americano que ficou famoso por seus livros e artigos sobre maçonaria. Foi o compilador dos landmarks conhecidos como os “Landmarks de Mackey”, muito observados pela maçonaria brasileira. Este artigo foi extraído da obra de sua autoria “Encyclopedia of Freemasonry”, vol 1, ed de 1873 e vol 1’ Ed 1878.

Ir Edison Ortiga

Da Enciclopédia da LIVRE MAÇONARIA de Albert C Mackey

ADONHIRAM

Adotada pelos discípulos da Livre Maçonaria Adonhiramita como a grafia do nome da pessoa conhecida nas Escritura e em outros sistemas maçônicos, como ADONIRAM. (como veremos).

Ele, corretamente, deriva da palavra do hebreu “ADON” e “HIRAM”, significando “o mestre que é exaltado”, e que é o verdadeiro significado de “ADONIRAM”. O “h” foi suprimido no hebreu pela união das duas palavras.

HIRAM ABIFF foi também, muitas vezes, chamado de “ADONHIRAM”. O ADON foi uma consideração de Salomão, tendo lhe dado a título de honra. (título honorífico)

LIVRE MAÇONARIA ADONHIRAMITA.

Das numerosas controvérsias surgidas do meio para o final do séc XVIII, no Continente Europeu, especialmente na França, entre os estudantes de filosofia maçônica, freqüentemente resultando na invenção de novos graus e estabelecimentos de novos Ritos, a mais proeminente foi a concernente à pessoa, e sua caracterização como o construtor do Templo.

A questão: quem foi o arquiteto do Templo do rei Salomão? Foi respondida, diferentemente, por vários teóricos e, cada resposta, deu origem a um novo sistema, (um novo rito). Um fato que não causa surpresa naqueles tempos, conhecido como tempos férteis na produção de novos sistemas maçônicos.

A teoria geral foi, como é agora, que o arquiteto foi HIRAM ABIFF, o filho da viúva que foi mandado ao rei Salomão por Hiram, rei de Tiro, como um presente precioso, de um habilidoso trabalhador.

Essa teoria foi sustentada pelos fundamentos das escrituras judaicas, mas muito longe de jogar alguma luz nas lendas maçônicas.

Foi a teoria dos livres maçons ingleses dos tempos mais recentes a

anunciada como historicamente correta na primeira edição no Livro das Constituições (publicado em 1723, pg 11); permanecendo como a opinião de todos os maçons ingleses e americanos; e essa, até os dias de hoje é a única teoria repassada por qualquer maçom livre dos dois países em que a teoria esteve em discussão. Isso foi, portanto, a crença ortodoxa, falha, da Livre Maçonaria.

Mas isso ainda não foi o único caso do último século no continente europeu. A princípio, a controvérsia girou não em torno do homem como ele em si, mas sim, em torno de sua própria denominação.

Todas as partes concordaram que o arquiteto do Templo foi aquele HIRAM, o filho da viúva, que é descrito em I Reis (cap 7 vs 13/14),

O rei Salomão mandara vir de Tiro um homem que trabalhava em bronze, Hirão, filho de uma viúva da tribo de Neftali, cujo pai era de Tiro. Hirão era habilidoso para fazer toda a espécie de trabalhos em bronze. Apresentou-se a Salomão e executou todos os seus trabalhos.

e no II Crônicas (cap 2, vs 12/13),

Envio-te, portanto, um homem hábil e entendido, Hurão –Abi, filho de uma mulher da tribo de Dã e de um pai tírio. Ele sabe trabalhar em ouro, em prata, em bronze, em ferro, em madeira, em púrpura azul e violeta, em linho fino e em carmesim; ele sabe fazer todas espécies de esculturas e elaborar todo o plano que lhe confie. Trabalhará ele com teus artífices e com os de meu senhor Davi, teu pai.

tendo saído de Tiro como um trabalhador do Templo que foi mandado pelo Rei Hiram ao Rei Salomão.

Mas uma parte o chamou HIRAM ABIFF, e a outra, admitindo que seu nome original fosse HIRAM, supôs que, em consequência das habilidades que ele demonstrou na construção do Templo, tenha recebido o honorável prefixo de “ADON”, significando “Senhor” ou

“Mestre”, assim seu nome ficou ADONHIRAM.

Houve, no entanto, no Templo, outro ADONIRAM, de quem é necessário dizer algumas palavras, para melhor entendimento do presente assunto.

A primeira notícia que se tem deste ADONIRAM nas escrituras é em II Samuel (cap 20, v 24),

Aduram presidia os trabalhos, Josafat, filho de Ailud, era o cronista.

onde, na forma abreviada do seu nome, ADORAM (ou Aduram), ele é dito estar por trás dos tributos da Casa de David; ou, como Gesenius, uma grande autoridade em hebraico, traduzindo em Prefeito ou por trás dos serviços tributários, ou, como costumamos dizer, “principal coletor de taxas”.

Sete anos depois o encontramos exercendo o mesmo ofício no reino de Salomão; isto está escrito em I Reis (cap 4 v 6),

Aisar, prefeito do palácio e Adonirão, filho de Abda, dirigentes dos trabalhos.

que ADONIRAM, “o filho de Abda, estava por trás dos tributos”. Ultimamente, que nos sabemos dele é que estava ainda ocupando a mesma função no reino de Rehoboam, o sucessor de Salomão.

Quarenta e sete anos após sua primeira menção no Livro de Samuel, ele aparece sob o nome de ADORAM, I Reis (cap 12 v 18),

O rei Roboão enviou Adurão, superintendente dos trabalhos, mas os israelitas apedrejaram-no e ele morreu.

ou HADORAM, II Crônicas (cap 10 vs 18),

Enviou Adurão com a missão de aliviar os impostos; mas os israelitas apedrejaram-no e morreu. Então o rei teve que se apressar a subir num carro e fugir para Jerusalém.

sendo apedrejado até a morte por pessoas indignadas com a opressão de seu mestre.

As lendas e tradições da Livre Maçonaria que conectam este ADONIRAM com o Templo em Jerusalém derivam do suporte em uma

única passagem em I Reis (cap 5 vs 14),

Ele os mandava por seu turno ao Líbano, dez mil cada mês, passavam assim um mês no Líbano e dois meses em suas casas. Adonirão dirigia os trabalhos.

onde é dito que Salomão convocou 30 mil homens entre os israelitas para o trabalho, que ele mandou em turmas de 10 mil por mês para trabalharem no monte Líbano e que colocou ADONIRAM acima desses, como seu superintendente.

Os ritualistas da França, que não eram eruditos em hebraicas nem tampouco eram versados nas histórias bíblicas, têm, às vezes, confundido dois personagens importantes, e perdendo todas as diferenciações entre HIRAM, o Construtor, que foi enviado pela corte do Rei de Tyro, e ADONIRAM, que sempre foi um funcionário da corte do rei Salomão. Este erro foi mantido e perpetuado quando eles prefixaram o título “ADON”, que quer dizer “Senhor” ou “Mestre”, ao nome do Construtor, fazendo dele “ADON HIRAM”, ou “SENHOR HIRAM”.

Pelo ano de 1744 Louis Travenol, publicou em Paris, sob o codinome (pseudônimo) de “LEONARD GABANON”, um trabalho intitulado “CATÉCHISME DES FRANCS MAÇONS” (Catecismo dos Francos Maçons), ou LE SECRETE DES MAÇONS (O Segredo dos Maçons), no qual ele diz:

“Por causa dos cedros do Líbano, Hiram deu o mais valioso presente a Salomão, na pessoa de ADONHIRAM, de sua própria raça, o filho da viúva da tribo de Neftali. Seu pai, que se chamava HUR, foi um excelente arquiteto e ferreiro (fundidor). SALOMÃO, sabendo dessas virtudes, de seus méritos e seus talentos, colocou-o na mais proeminente posição, encarregando-o da construção do Templo e da superintendência dos trabalhadores” (veja LUIS GUILLEMAIN DE SAINT VICTOR’S in Recueil Précieux, em francês, para a Coleção Escolha, pg 76).

Da linguagem dessa citação, e da referência no título do livro a ADORAM, que sabemos ser um dos nomes dos coletores de taxas de Salomão, fica evidente que o autor do catecismo confundiu HIRAM ABIF, que veio de Tiro, com ADONIRAM, o filho de Abda, que sempre

viveu em Jerusalém. Foi uma demonstração de imensa ignorância das Escrituras Históricas e da tradição maçônica, quando ele supôs que os dois fossem a mesma pessoa.

Embora esse literário tenha errado, o CATECHISMO se tornou popular entre os muitos maçons livres da ocasião, e assim surgiu o primeiro cisma ou erro em relação da lenda do Terceiro Grau. Em “*Salomão em toda a sua Glória*”, uma exposição (publicação) em inglês editado em 1766, ADONIRAM assume o lugar de HIRAM. Mas este trabalho é uma tradução de um similar francês. Então isso não deve ser argumentado que os Livres Maçons Ingleses nunca tiveram essa visão.

De imediato, outros ritualistas, perceberam a inconsistência da referida confusão de HIRAM, o filho da viúva, para ADONIRAM, o coletor de impostos.

E na impossibilidade da reconciliação dos fatos discordantes na vida desses dois personagens, resolveu se cortar o laço de górdio, rejeitando qualquer posição maçônica do passado, e fazendo o último, sozinho, ADONIRAM, o Arquiteto do Templo.

Não pode ser negado que Josephus (VIII – 2) afirma que ADONIRAM, ou como ele chamou, ADORAM, foi, no início dos trabalhos, colocado junto dos trabalhadores que preparavam os materiais no monte Líbano, e ele fala de HIRAM, filho da viúva, simplesmente como um artista, especialmente com metais, quem fez apenas trabalho mecânico no Templo segundo o desejo de Salomão (ver Josephus, VIII, 3). Sua aparente áurea de autoridade para suas decisões foi reivindicada pelos Adoniramitas, e um dos seus mais proeminentes ritualistas, Guillemain de Saint Victor (*em seu Recueil Precieux de la Maçonnerie Adonhiramite*, pg 77-s) assim propôs as suas teorias:

“nos somos 11 a concordar que a hierarquia de Mestre é encontrada no Arquiteto do Templo”.

Agora, as escrituras dizem muito positivamente, no III Reis, -ou I Reis- (Cap 5, vs 14),

Ele os mandava por seu turno ao Líbano, dez mil cada mês: passavam assim um mês no Líbano e dois meses em sua casa. Adonirão dirigia os trabalhos.

que a pessoa foi ADONHIRAM. Na Septuagésima, a mais velha tradução das Escrituras Hebraicas (a Bíblia dos Setentas), os dois livros de Samuel foram chamados de o Iº e o IIº Livro de Reis.

Josephus e todos os escritores secretos dizem a mesma coisa, e indubitavelmente distinguem ADONHIRAM, de HIRAM, o Tyrio, o trabalhador de metais. Então aquele é ADONHIRAM, a quem nós somos obrigados a honrar.

Na segunda metade do Séc XVIII, surgem três escolas de ritualistas maçônicos se dividindo sobre a identidade do “Construtor do Templo”.

- 1- A primeira era composta daqueles que supunham ele ser HIRAM o filho da viúva da tribo de Naftali, a quem o rei de TYro mandou a Salomão, e a quem eles designaram como HIRAM ABIF. Esta foi a original e mais popular Escola, a qual nos agora achamos ter sido a “ortodoxa”.
- 2- A segunda Escola pertencia aqueles que acreditaram que foi o HIRAM que saiu de Tyro e se tornou arquiteto. Também supôs que, em consequência do seu excelente caráter, Salomão o agraciou com o título de ADON, (“Senhor” ou “Mestre”), o chamando ADONHIRAM. Assim como esta teoria não teve sustentação das Escrituras Históricas ou pela anterior tradição maçônica, a Escola que defendeu isso nunca se tornou proeminente ou popular, e logo cessou sua existência.

No entanto o erro em que isto está baseado é repetido, a intervalos, em

Gafes de alguns modernos ritualistas franceses.

- 3- Aqueles que, tratando deste HIRAM, o filho da viúva, como um subordinado e não um importante personagem, o ignoraram inteiramente no seu rito, e se posicionaram que ADORAM, ou ADONIRAM, ou ADONHIRAM, as várias formas como o nome foi pronunciado por estes ritualistas, o filho de ABDA, o Coletor de Tributos e Superintendente da Arrecadação no Monte Líbano, ser o verdadeiro Arquiteto do Templo, e a pessoa a quem todos os acontecimentos da lenda do Terceiro Grau da Livre Maçonaria foram referidos.

Essa Escola, em consequência da coragem com a qual se

posicionou, em desacordo do entendimento da segunda Escola, recusando todo o compromisso com a parte ortodoxa, assumiu uma teoria independente. Tornou-se, por um tempo, um proeminente cisma na Livre Maçonaria. Seus discípulos conferiram aos que acreditavam em HIRAM ABIF o nome de “Maçons Hiramitas”, e adotando como sua própria denominação distintiva como a dos “Maçons ADONHIRAMITAS”. Desenvolveram um sistema que eles praticavam dentro de um rito peculiar. Chamaram isso de “**Livre Maçonaria Adonhiramita**”.

Quem foi o fundador original do rito da Livre Maçonaria Adonhiramita, e o tempo exato que isso foi estabelecido por primeiro (sua fundação), são questões que não podem ser respondidas com nenhuma certeza. Tory não tentou responder a nenhuma delas em sua obra “Nomenclatura dos Ritos”, mas se alguma coisa for descoberta sobre a questão, nos gostaríamos também de saber.

Ragon, na verdade, na sua “Ortodoxia Maçônica”, atribui o rito ao Barão de Tschoudy. Ele também aponta a autoria do “Recueil Précieux” (um trabalho do qual nos iremos falar mais profundamente) à mesma pessoa, embora tenha declarado desconfiar que estava errado. Isto pode ser mais uma evidência de que ele está errado quanto ao fundador do rito assim como na posterior opinião. O Chevalier de Lussy, mais conhecido como o Barão de Tchoudy foi, na verdade, um distinto ritualista. Ele fundou a “Ordem da Estrela Flamejante”, e tomou parte ativa nos trabalhos do “Conselho dos Imperadores do Oriente e do Ocidente”. Mas nós não temos encontrado evidências fora da declaração de Ragon, que ele tenha sido o autor ou não, do rito Adonhiramita.

Nós estamos dispostos a atribuir o desenvolvimento num determinado sistema, se não a atual criação do rito ADONHIRAMITA da LIVRE MAÇONARIA a **LOUIS GUILLEMAIN DE SAINT VICTOR**, que publicou, em Paris, no ano de 1781, um trabalho intitulado “Recueil Précieux de la Maçonnerie Adonhiramité”.

Este volume contém somente o ritual dos primeiros quatro graus, e

teve sua continuação em 1785, por outro volume que abrangeu os mais altos graus do rito. Ninguém, que leu atentamente esses volumes, pode deixar de perceber que o autor escreve como seu inventor, ou ao menos, modificando materialmente o ritual que é o tema de seus trabalhos. Em todos os eventos, esse trabalho fornece a única fonte verdadeira que nos possuímos da organização do Sistema Adonhiramita da Livre Maçonaria.

O rito Adonhiramita da Livre Maçonaria consiste em doze graus como segue:

- Aprendiz
- Companheiro
- Mestre Maçom
- Mestre Prefeito
- Primeiro Eleito ou Eleito dos Nove
- Segundo Eleito ou Eleito de Perignan
- Terceiro Eleito ou Eleito dos Quinze
- Pequeno Arquiteto
- Grande Arquiteto ou Companheiro Escocês
- Mestre Escocês
- Cavaleiro da Espada, do Oriente ou da Águia
- Cavaleiro Rosa Cruz.

Esta é a lista completa dos graus ADONHIRAMITAS.

Thory e *Ragon* estavam ambos errados em dar um décimo terceiro grau ao rito, chamado de Cavaleiro Prussiano ou Noachita. Eles caíram neste erro porque *Guillemain* inseriu este grau no fim do seu segundo volume, mas simplesmente como uma curiosidade maçônica, tendo sido traduzido, como ele próprio diz, “do alemão” por *M. de Bérage*. Isto não tem conexão com a antecedente série de graus ADONHIRAMITAS, e *Guillemain*, positivamente, declarou na sua segunda parte (2ª parte pg 18) que o Grau de Rosa Cruz é o “**ne plus ultra**”, o latim para designar “o topo e a terminação do seu rito”.

Nesses doze graus, os dez primeiros se ocupam com os trabalhos do primeiro Templo; o décimo primeiro grau é relacionado a construção do segundo Templo; e o décimo segundo grau, com o simbolismo cristão da Livre Maçonaria que é peculiar ao grau Rosa Cruz de todos os ritos.

Todos estes graus foram tomados emprestados pelo Rito Escocês Antigo e Aceito, com poucas modificações importantes e que raramente melhoraram o seu conteúdo. No todo, a extinção do Rito ADONHIRAMITA mal pode ser considerada como uma perda da Livre Maçonaria.

Antes de concluir, umas poucas palavras devem ser ditas a respeito da ortografia do título. Assim como o rito deriva sua peculiar característica pelo fato de ter sido fundado em razão do “Terceiro Grau” da conhecida Lenda de ADONIRAM, o filho de Abda e coletor de tributos e que foi o verdadeiro Arquiteto do Templo, e não de Hiram, o filho da viúva. Ele (ADONIRAM) devia ter, por sua denominação, batizado o rito de ADONIRAMITA, e não como de ADONHIRAMITA. Sendo *Guillemain* o criador deste Rito e se foi um conhecedor da língua hebraica, deveria também saber que o nome de seu herói era ADONIRAM e não ADONHIRAM.

O termo LIVRE MAÇONARIA ADONHIRAMITA foi realmente dado à segunda Escola descrita neste artigo, cujos discípulos admitem que Hiram Abiff foi o Arquiteto do Templo, mas que supõe ter Salomão o agraciado com o título de ADON, colocando uma marca de honra, chamando ele de ADONHIRAM.

Mas *Guillemain* cometeu o engano ao denominar o seu rito, engano que continuou sendo repetido pelos seus sucessores e que agora, talvez, seja inconveniente corrigir este erro.

Entretanto *Ragon* e outros poucos escritores recentes, se aventuraram a dar este passo, e nos seus trabalhos o sistema é chamado de **Livre Maçonaria ADONIRAMITA**.

ADONIRAM

A primeira notícia que nos temos de ADONIRAM nas Escrituras está em Samuel II (cap 20, vs 24),

Aduram presidia os trabalhos. Josafat, filho de Ailud, era o cronista.

onde, na forma abreviada do seu nome ADORAM, ele é mencionado tendo ligação com a Casa de David, ou, assim como *Gesenius* o classificou como “Prefeito”, estando acima dos serviços tributários. Mestre Tributário é dizer, de uma forma moderna, que ele era o Chefe dos Coletores de Impostos.

Clarke o chama de “Chanceler do Tesouro Nacional”. Sete anos depois o descobrimos exercendo a mesma profissão, agora na Casa de Salomão. Encontramos isto em I Reis (cap 4, vs 6),

*Aisar, prefeito do palácio e
Adonirão, filho de Abda, dirigente
dos trabalhos.*

que “Adoniram, o filho de Abda, estava por trás dos coletores de tributos”

Ultimamente, o que ouvimos é que ele ainda ocupava a mesma função no reino do rei Reboão, o sucessor de Salomão.

Quarenta e sete anos depois de ser mencionado pela primeira vez no Livro de Samuel, ele aparece sob o nome de ADORAM, ou ADURÃO. I Reis (cap 12 vs 18),

*O Rei Roboão enviou Adoram,
superintendente dos trabalhos, mas os
israelitas apedrejaram-no e ele
morreu. O Rei subiu então
precipitadamente no seu carro e fugiu
para Jerusalém.*

ou HADORAM ou ADURÃO, II Crônicas, (cap 10 vs 18),

*Enviou Adurão com a missão de aliviar os
impostos, mas os israelitas
apedrejaram-no e ele morreu. Então o
Rei teve que se apressar a subir num
carro e fugir para Jerusalém.*

sendo apedrejado até a morte, quando no cumprimento de seu dever, pelas pessoas, que estavam apenas indignadas com a opressão de seu Senhor.

Embora os historiadores estiveram perdidos em determinar se o

recebedor de taxas no tempo de David, de Salomão, e de Reboão, ser a mesma pessoa a executar a cobrança, parece não ter razão para dúvidas; como assim Kitto diz:

“Parece pouco improvável que duas pessoas com o mesmo nome trabalhem sucessivamente no mesmo ofício, numa época quando não era costume ocorrer o nome do pai ser dado a seu filho. Nos encontramos também, não mais que quarenta e sete anos, entre a primeira e a última menção a ADONIRAM que estava como Chefe dos Tributos e assim, embora com longo tempo de serviço, não é tão longo para uma vida. Como assim que a pessoa que assumiu o serviço no início do reinado de Reboão não executou o suficiente para criar o ódio nas pessoas, parecendo, mais provável ter sido a mesma pessoa, no que é totalmente compreensível” (John Eitto na sua Enciclopédia da Literatura Bíblica).

ADONIRAM ocupou uma importante parte no sistema maçônico, especialmente nos graus mais elevados, mas o seu tempo de atuação, no qual ele é citado, está confinado ao período ocupado na construção do Templo.

As lendas e tradições que o ligam à construção do templo derivam de seu aparecimento em uma única passagem no I Reis, (cap 5 vs 14),

Ele os mandava por seu turno ao Líbano, dez mil cada mês: passavam assim um mês no Líbano e dois meses em sua casa. Adonirão dirigia os trabalhos.

onde é dito que Salomão fez um recrutamento de trinta mil trabalhadores entre os israelitas; que ele mandou em grupos de dez mil por mês ao trabalho no Monte Líbano e que ele nomeou ADONIRAM seu superior, como seu Superintendente.

Baseado nesta síntese, a Livre Maçonaria Adonhiramita deduziu a teoria, como pode ser visto no presente artigo, que ADONIRAM foi o Arquiteto do Templo; enquanto os Hiramitas, atribuindo a importância deste ofício a Hiram Abiff, acreditam ainda que ADONIRAM tenha ocupado uma importante parte na construção do Templo. Ele foi chamado *“o Primeiro Companheiro do Ofício”* no meio de uma tradição que tenha sido o cunhado de Hiram Abiff, tendo este último recebido de Salomão a mão da irmã de ADONIRAM em casamento; e que as

núpcias foram honradas com a presença dos Reis de Israel e de Tiro em uma celebração pública.

Outra tradição, preservada no Grau do Real Mestre do rito da Cripta, nos informa que ele (Adoniram) foi o único dos três Grandes Mestres que primeiro pretendia comunicar o conhecimento, como uma adequada recompensa a ser reservada e entregue ao Homem do Ofício, merecedor pela conclusão das obras do Templo.

É extremamente necessário dizer que esta e muitas outras lendas Adoniramitas, geralmente fantasiosas e sem qualquer comprovação histórica, são a roupagem exterior de símbolos significativos alguns dos quais preservados, e outros perdidos ao longo do tempo ou pela ignorância e corrupção de vários ritualistas.

ADONIRAM, em hebreu é um composto de “Adon, Senhor” e “Hiram, Eminência”, significando o “Senhor da Eminência”. Esta é uma palavra de grande importância, e freqüentemente usada entre as Palavras Sagradas dos graus elevados em todos os ritos.

Trad: Marcela Ortiga Ferreira
Adap: Edison Carlos Ortiga

Bibliografia:

- COMPILAÇÃO PRECIOSA DA MAÇONARIA
ADONHIRAMITA- 1ª e 2ª parte – Tradução da Loja Gilvan Barbosa
- A MAÇONARIA ADOHIRAMITA E O ESCOCISMO – Ed A
Gazeta Maçônica J Daniel
- ESTUDOS MAÇÔNICOS – Ed A Trolha – Leon Zeldis
- A MAÇONARIA ADONHIRAMITA - Cadernos do CCCPM março
2001 – Lúcio Nelson Martins (Ir.º Dupuy)
- CONSULTÓRIO MAÇÔNICO – Ed A Trolha – vols 1 a 6 – José
Castellani
- SINOPSE HISTÓRICA AOS ADONHIRAMITAS – Fco Sobreira de
Aguar – opúsculo
- A ARTE REAL - Herculano Severo - trabalho
- ENCICLOPÉDIA DE MAÇONARIA (tradução) de A. Mackey.
- O AVENTAL MAÇÔNICO - CARVALHO, Assis – Ed A Trolha
- HISTÓRIA DO GRANDE ORIENTE DO BRASIL – José Castellani
– Ed. do Grande Oriente do Brasil
- Fragmentos da Pedra Bruta- J Castellani - ed A Trolha 2º vol
- Historia do Grande Oriente do Brasil – Ed Gr Or do Brasil 1993 -
José Castellani.
- Revista “O Noaquita” ano 1, nº1 – 1962 Subl Gr Cap dos CCav Noaq
para o Brasil.
- Fragmentos da pedra Bruta – J Castelani, ed A Trolha – 3 vol

- Historia da Maçonaria em Portugal – A H de Oliveira Marques – Ed Presença, vol 1
- Compilação Preciosa da maçonaria Adonhiramita – Editada pela Loja Gilvan Barbosa 1ª e 2ª parte
- A maçonaria adonhiramita – Enciclopedia da Francomaçonomia – Mackey (trad)
- Coleção Preciosa da Maçonaria Adonhiramita – tradução da ed de 1787.
- Fragmentos da Pedra Bruta – ed a Trolha – José Castellani
- Dicionário Enciclopédico de Maçonaria e Simboligia – ed A Trolha
- Artigos maçônicos – diversos
- Maçonaria Adonhiramita – Apontamentos – J.Martins Jurado – Ed Masdra
- Curso de Maçonaria Simbólica – Aprendiz - Theobaldo V Fº - Ed A Gazeta maçônica.
- São João Batista e a Maçonaria – Luiz G da Rocha – Ed maçônica A Trolha
- Compilação Preciosa da Maçonaria Adonhiramita – 1ª parte (tradução) Loja Maçônica Gilvan Barbosa, 1898
- Rituais Adonhiramitas – graus simbólicos – 2005 - GOB
- Rituais Adonhiramitas – Coleção Preciosa da Maçonaria Adonhiramita – 1836
- Maçonaria: Origens – Teoria – Prática - Joaquim Roberto Pinto Cortez – Ed maçônica A Trolha